CARIOQUICE

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO III . N:9 . ABR/MAI/JUN 2006

PELOS PALCOS da vida

...me ensina a não amoax com os pés no chão...

apud edu lobo e chico buarque de hollanda

Bruna Siqueira Bonifácio e João Pedro Silveira Machado **são alunos da Fundação Bradesco.**
Mais uma peça da nossa atuação socioambiental:
R$ 167 milhões investidos em 2005 na Fundação Bradesco.
A Fundação Bradesco é um dos maiores programas privados de educação gratuita do Brasil. São mais de 108 mil alunos, entre crianças, jovens e adultos, em 40 escolas distribuídas em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal. Em 50 anos de atividades já formou e capacitou mais de 620 mil alunos. Mas isso é só uma parte do que a Organização Bradesco faz. Ela tem ainda o Cartão de Crédito e o Título de Capitalização Pé Quente SOS Mata Atlântica, o Banco Postal, o Microcrédito, o Programa Finasa Esportes e muitas outras iniciativas que, juntas, ajudam a deixar a vida das pessoas muito mais completa.
RESPONSA
SOCIOAM
Bradescompleto
Brad
www.bradesco.com.br

Esquina do Ricardo

balões assassinos no Rio

Uma das tradições mais encantadoras do velho Rio de décadas atrás, os balões, já foi saudada por crônicas dos melhores cronistas, por versos dos melhores poetas, por músicas dos melhores compositores populares. Eu pude sentir na alma todas as delícias de soltar os pequenos balões no Rio, às vésperas de São João, São Pedro e Santo Antônio.

Éramos todos meninos nos anos 50 e nossos pais jamais nos amofinaram em relação ao deleite que experimentávamos. Soltar balão era muito normal, até porque os artefatos de nossa infância nos pareciam inofensivos. E ninguém ousava dar-se conta que aquelas luzezinhas ao ascender aos céus, qual miniaturas de anjos, poderiam fazer qualquer estrago. Até faziam, mas a ecologia e o meio ambiente eram coisas tão remotas quanto a Lua, nos idos de 40 e 50.

O fato é que, ao longo do tempo, fomos perdendo outras tradições, igualmente tão caras: a fogueira, o milho assado, o quentão e, especialmente, as músicas deliciosas que eram postas ao alcance de nossos ouvidos a cada temporada junina. Pois que os compositores populares se esmeravam a produzir todo um ciclo musical, o repertório dos folguedos de junho.

Voltando aos balões, quero desde logo observar que os balõezinhos que soltávamos em nossas ruas da infância tinham a duração menor que uma flor. Era subir e logo adiante cair. De tão pequenos, nem na nossa fertilíssima imaginação eles poderiam se juntar às estrelas e eternizarem-se, se bem que fosse esse nosso sonho secreto. Mesmo porque suas toscas luzezinhas eram tão frágeis e inofensivas quanto uma vela. Hoje, não. Despidos da antiga réstia de poesia, os balões viraram artefatos poderosos, que talvez ainda pretendam atingir as estrelas. Mas com toda a veemência, arrogância e temeridade de uma tecnologia diabólica.

Os baloeiros de agora acreditam, contudo, num momento de beleza, um único que seja, o do balão aos ares em busca do infinito.

O problema estaria definitivamente sanado se eles entendessem que esse pequeno momento de êxtase é um ato anti-social, que deixa um deplorável rastro de desolação, porque podem colocar em risco florestas e residências. A cidade em si mesma.

Ricardo Ramos Albin

sumário

carioquice

Nº 9 ABR/MAI/JUN 2006

É som, é sal, é mar

4 O mais discreto charme da Bossa Nova

12 O doce lar da batucada

18 Claves e colcheias do cinema mudo

22 Furacão no Itamaraty

26 Tem um querubim dedilhando na batucada

Pitaco

Quando penso em folhas secas,
por Tito Madi

Cidade maravilhosa

Quando o Rio amanheceu bleu blanc rouge

Magia do olhar

A cidade indizível e seus ângulos impossíveis

Saga carioca

Ah Bibi, se eu pudesse entrar na sua vida

Um coração aberto aos mares

Do bem comer e melhor beber

Salta uma caneca de vinho, ó pá

Causos & letras

Fábulas de la Azambuja

Madame K. é uma eterna vernissage

Embaixadora do Rio

O Rio é uma paixão inesgotável,
por Celina Borges Torrealba Carpi

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITOR GERAL
Sérgio Costa

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento

ARTE
Paula Barrenne de Artagão
Marcelo Pires Santana

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete, Marcelo Carnaval &
Mauro Nascimento

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Foto de Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

SNBB Novagência

é mais divertido ir e voltar

AmBev

E SÍMBOLO
AZER PARTE
SUA VIDA.

ALIÁS,
FOI A SUA VIDA
QUE INSPIROU
ESTE SÍMBOLO.

A AmBev investe pesado em programas de consumo responsável. Desde ações práticas, como a doação de bafômetros para a Polícia Rodoviária, até campanhas de comunicação.

Agora, estamos lançando um símbolo para nosso programa: o boomerangue. Ele vai acompanhar todas as mensagens de consumo responsável de bebida alcoólica da AmBev.

O boomerangue vai lembrar você de chamar um amigo da vez para levar a galera pra casa depois da balada. Nesse dia, esse amigo vai beber refrigerante ou Liber, a cerveja que tem 0,0% de álcool.

Vai lembrar o comerciante de não vender bebida alcoólica para menores, porque isso é contra a lei e contra a ética. E vai lembrar a todo mundo que bebida existe só para dar prazer.

SE BEBER,
NÃO DIRIJA.

Nós adotamos o boomerangue como símbolo para que você adote esta idéia: o grande barato da vida é ir e voltar. Sempre.

OGRAMA AmBev DE CONSUMO RESPONSÁVEL

O mais discreto charme da bossa nova

por Monica Ramalho

A Bossa Nova dos barquinhos e beijinhos mil teve musas exuberantes, líricas e de voz de cristal. Mas quem mais candidamente representou a delicadeza expressa nos diminutivos das letras e intimismo das canções mantém-se até hoje avessa a consagração. Em bom castelhano dulce quer dizer doce. Em bossanovês Dulce Nunes é a mais perfeita tradução de sol, balanço e caminho do mar. Carioquice resgata do seu recato voluntário uma das mais emblemáticas intérpretes do movimento musical que arrebatou o mundo.

Quem vê esta bela senhora chegar, anônima, à Agência Poolcom, onde dá expediente como uma espécie de 'faz-tudo publicitário', é incapaz de calcular o quanto ela influenciou nos rumos da música popular carioca. Dulce Bressane exibe, aos 70 anos completados em 11 de junho, um currículo que mais parece uma coleção de prêmios. Como Dulce Nunes, gravou pelo menos um LP fundamental à discografia brasileira, atuou como ponte entre os músicos da bossa nova e o então presidente Juscelino Kubitschek e fundou o selo Carmo, no qual tem produzido talentos pouco conhecidos, em sociedade com Egberto Gismonti - ao lado de quem viveu por nove anos e mantém efetiva amizade até hoje.

E pensar que tudo começou despretensiosamente quando a estudante de arquitetura encarou alguns trabalhos como modelo fotográfico numa época em que esta profissão não era lá muito bem vista. "Posava para as campanhas dos cigarros Hollywood e da Braspérola, uma fábrica de tecidos". Em seguida, foi convidada para estrelar dois filmes: o brasileiro 'Estrela da Manhã', com Paulo Gracindo e Dorival Caymmi, e o italiano 'O noivo da minha mulher', com Orlando Vilar. "Em ambos, fiz o papel da mocinha. E houve também um filme incompleto, chamado 'A princesa de Joinville'", recorda.

"Ainda pretendo fazer muitas coisas na vida", confessa logo nos primeiros minutos da prosa, não sem antes avisar: "Há muitos anos voltei a ser a Dulce Bressane e até abri um escritório, onde trabalhei por 25 anos, a Bressane Arquitetura & Interiores. Falo sobre a Dulce Nunes como

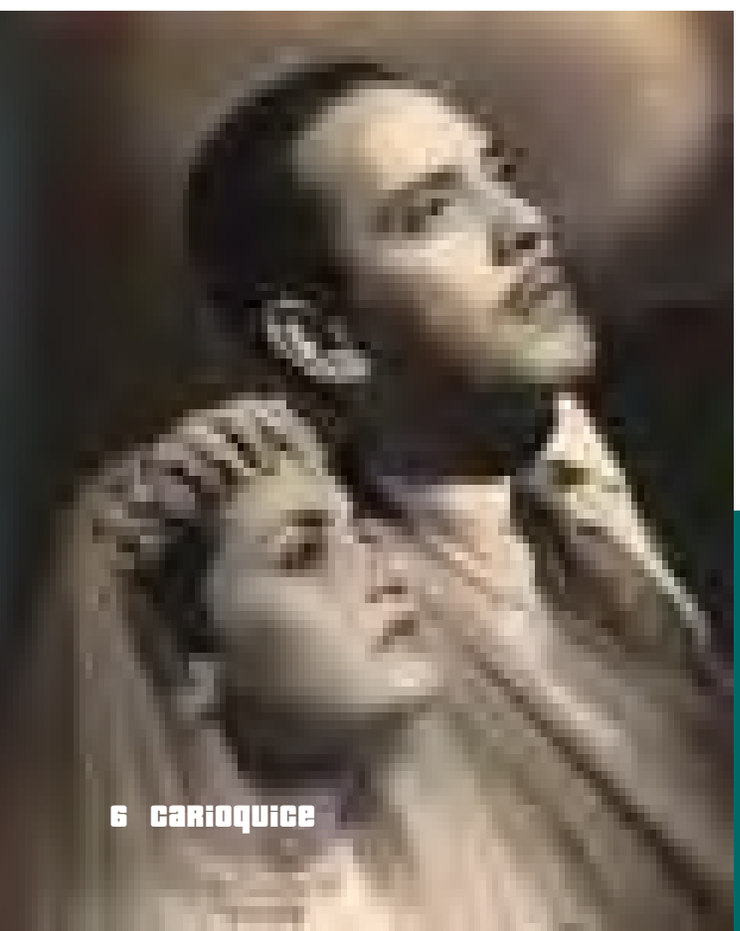
se fosse outra pessoa", diz, com a mesma voz bonita que um dia transportou todo o repertório da bossa nova a Juscelino. O presidente era muito amigo de seu primeiro marido, o pianista Bené Nunes, com quem casou-se de véu e grinalda em 1956. "Eu não fazia nada a não ser viver na corte, como dondoca, viajando pra cima e pra baixo com o presidente", diverte-se.

Na época, nascia a bossa nova. "A minha casa era uma open house infinita. Naquele tempo não existia ladrão, então era uma open house mesmo. As pessoas chegavam e saíam quando bem entendiam e a turma do amor, do sorriso e da flor se reunia muito lá". Carlinhos Lyra defende a tese de que os acordes iniciais do gênero, que reverberavam ainda sob o impacto da técnica de João Gilberto, foram executados no endereço de Dulce e Bené, na Gávea. E mais: como Juscelino era chegado a cantorias e o casal freqüentava muito o Palácio, Dulce aprendia rápido as músicas que Tom Jobim, Vinicius de Moraes e tantos outros traziam ao seu apartamento só para cantar para JK.

E assim o 'presidente bossa nova' sempre ficava por dentro de tudo que dizia respeito ao gênero: através do timbre suave de Dulce e do piano incandescente de Bené, um autodidata, capaz de interpretar diante de uma orquestra qualquer uma das complexas peças de Rachmaninov, todas aprendidas de ouvido. "Quando me separei de Bené, quis cantar e investi nisso."

A estréia fonográfica foi no long-play do musical de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, 'Pobre menina rica', lançado em 1964. Nara Leão fez o espetáculo, mas Tom insistiu para que Dulce gravasse o álbum. Ele se comprometeu em fazer os arranjos, que acabaram ganhando forma sob a batuta de Radamés Gnatalli.

Anos depois, Lyra contou numa entrevista que havia se chateado porque Tom Jobim foi assertivo: só faria o trabalho se fosse com a Dulce. "Ele praticamente obrigou Carlinhos a me colocar neste álbum". Lyra sugeriu Elis Regina, mas Tom brincou que uma garota recém-chegada dos pampas gaúchos não poderia dar voz a uma burguesinha da Zona Sul do Rio de Janeiro. Outro dia, num encontro ocasional com Carlinhos Lyra na rua, Dulce admitiu: "Você tinha toda a razão. Se o disco fosse com Elis e Tom venderia como água até hoje porque eu abandonei a carreira. E, apesar de Radamés ser mais preparado, entendo que o arranjo do Tom daria à bolacha a característica bossanovista que você queria."



Dulce e seu parceiro de música e núpcias, o pianista Bené Nunes

Nos saraus do apartamento na Gávea, pérolas de Vinícius e Tom Jobim se encontravam com o Peixe Vivo das "Geraes"

Bené, Tom Jobim, Dulce e JK

Depois a cantora lançou aquele álbum que é considerado sua verdadeira obra-prima pela crítica especializada: 'Dulce', de 1966, jamais relançado em CD, com arranjos de Guerra Peixe e acompanhamento luxuoso do violão vadio de Baden Powell e do quarteto de cordas de Peter Dauelsberg. "Um pouco antes disso comecei a cantar com o Baden. Trabalhamos durante muito tempo no Brasil e no exterior. Era uma maravilha porque nos entendíamos muito bem musicalmente. O título deste disco solo seria 'Doze canções de amor desesperado', inspirado num livro do Pablo Neruda, mas saiu simplesmente 'Dulce' porque deixei a capa sob a responsabilidade do Marcos Vasconcelos, um arquiteto muito meu amigo, já falecido, e segui para uma temporada de dois meses na Europa. Quando voltei das férias, o disco estava pronto e rebatizado. O mais engraçado é que todas as músicas falam o tempo inteiro de corações em desespero".

"De vez em quando sinto saudade de cantar e entro num coral", declara, em tom confessional. Felizmente, Dulce pensa em voltar a compor. Ela ainda guarda, por exemplo, 15 letras inéditas que lhe foram confiadas pelo escritor João Guimarães Rosa pouco antes de sua morte, ocorrida em 19 de novembro de 1967. Dulce musicou e gravou três delas ('Adamúbies', 'O aloprado' e 'Ou... ou') no disco 'Samba do Escritor', um de seus trabalhos mais interessantes, lançado no ano seguinte. Interessante pela temática e também por haver lançado Egberto Gismonti como músico e arranjador. Baseada numa idéia do cartunista Millôr Fernandes, que era seu namorado na época, Dulce escreveu a melodia para poemas de grandes nomes da literatura brasileira, entre eles Mário Quintana ('Domingo') e Jorge Amado ('Lamento de glória'), com participação de Edu Lobo, Nara Leão, Joyce, Gracinha Leporace e Momento Quatro.

A cantora sempre esteve próxima a estes vultos das letras nacionais por causa da família, muito bem relacionada. O cineasta Julio Bressane, por exemplo, é seu primo e sua mãe, Euridyce, foi uma importante desenhista. Paulo Mendes Campos queria falar sobre o primeiro transplante cardíaco do mundo e os dois compuseram juntos 'Eu te dou meu coração'. As duas parcerias com Millôr - 'Deixa o mundo girar' e a faixa-título -, mais 'Mal de amor', com Vinicius de Moraes, e 'Amor de

F/NAZCA S&S

No Unibanco.

O Unibanco é um banco em movimento. Está sempre inovando, correndo, evoluindo, buscando, exp

do. Para jamais ser parecido.

UNIBANCO
Nem parece banco.

Gravação do disco dos arranjadores. Oscar Castro Neves, Dulce e Baden

Uma das seleções mais gloriosas da bossa com seu acompanhamento inseparável: banquinho e um violão

tempo nenhum', com Antônio Callado, também foram criadas simultaneamente. "Quando procurei o Drummond ele me disse que havia acabado de lançar um livro e tinha um poema bem sonoro na página tal. Comprei o livro e, embora tenha achado os versos duros, fiz 'Legado'. Quando ele ouviu, disse: 'Errei a página! Coitadinha de você, ganhou um poema tão difícil de musicar!'".

O disco é cercado de passagens marcantes, como a morte de um dos autores, Guimarães Rosa. "Certo dia lhe telefonei porque queria que ele ouvisse as músicas que eu havia feito para suas letras. Eu estava arrumando as malas para passar alguns dias em Petrópolis e combinamos de nos falar quando eu voltasse. Só que Guimarães me advertiu que não ligasse depois das 21h porque ele estava aproveitando para continuar uma dieta rigorosa, que fazia para caber no fardão da posse na Academia Brasileira de Letras, e dormia cedo para não comer muito à noite. Cheguei de Petrópolis e quando olhei para o relógio eram 21h. Pensei em discar para ele, mas lembrei da dieta e resolvi deixar para o dia seguinte. Acordei com a minha mãe dizendo que ouviu no rádio sobre a morte dele, exatamente às 21h da noite anterior, quando eu pensei em procurá-lo. Fiquei muito abalada."

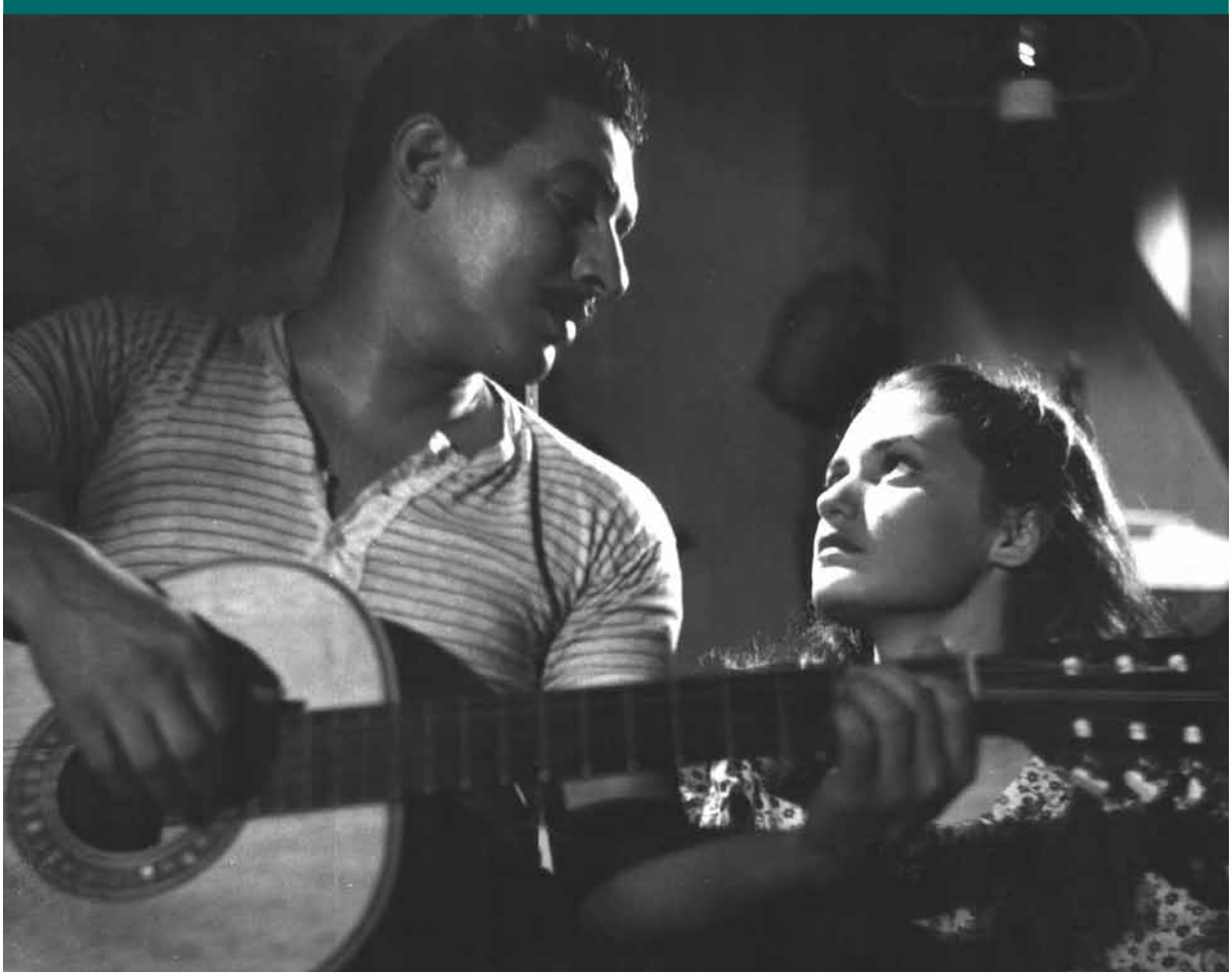
Quando Dulce entrou em estúdio, quase tudo já estava pronto, exceto alguns arranjos que ela havia encomendado ao pianista Luiz Eça. "Mas era uma luta para arrancar um arranjo dele. Eu tinha acabado de conhecer o Egberto e o convidei para dar conta da parte do Luizinho. E ele fez tudo na hora, lá em casa. Além de escrever os arranjos que faltavam, ainda tocou violão e piano na gravação. Aí nos apaixonamos, nos casamos e fomos para a Europa. Viajei muito com ele e desisti de ser cantora. Estudei música muito tarde e, apesar de ter a idéia do que queria fazer, não conseguia transmitir essa coisa muito maior que vinha de dentro. E isso eu encontrei na música do Egberto. Era aquilo que eu queria fazer, mas ele já fazia". Em 1969 estreou fazendo vocalizes nos álbuns instrumentais de Gismonti.

Ela ouviu dizer que as matrizes de seus dois

discos de carreira haviam se deteriorado num arquivo qualquer da gravadora. "Parece que as fitas foram guardadas em lugares impróprios. Comentei com o Egberto e ele foi atrás dos vinis originais e cometeu o milagre de recuperá-los dos arranhões e do desgaste destas quatro décadas". Resultado: ganhou, no Natal de 2005, um CD que pôde reproduzir para presentear os amigos, com as 12 canções legendárias de 'Dulce' mais as 12 faixas do 'Samba do Escritor'. Dos três discos que lançou, apenas 'Pobre menina rica' está disponível para venda em CD — mas é raro encontrá-lo.

Dulce Nunes, ou Bressane, como preferir, continua belíssima como mostram as fotografias que ilustram esta matéria. Casada desde 1976 com Sylvio, um executivo do mercado financeiro, ela não deixará descendentes. Até pensou em adotar uma criança, mas optou por dedicar seus dotes maternos aos muitos sobrinhos e, sobretudo, aos afilhados Alexandre e Bianca, ambos filhos de Egberto e Rejane. Hoje Bianca desponta no piano através do trabalho com a também pianista Claudia Castelo Branco no elogiadíssimo Duo GisBranco, e Alexandre é violonista. Quem sabe já não está com eles a herança musical desta musa quase secreta da bossa nova?

Dulce e Caymmi no filme Estrela da manhã



O doce lar da batucada

por José Miranda

Se o samba tivesse residência fixa, em que canto seria? Estranhou a pergunta? Se estranhou, é doente do pé. O samba tem endereço conhecido e vezero nos quatro cantos da cidade. Mas, pelo menos no momento, seu cafofo predileto é a velha Lapa. E a Zona Norte? Esta não vale. Trata-se de moradia eterna, berço glorioso de todas as tradições dessa música benta.

A Zona Norte, que sempre viu em seus morros e bairros o nascer de criadores e criaturas marcantes para a história do samba, e a Lapa, que imprimiu ao estilo musical o selo da malandragem e da boemia, continuam sendo a cozinha de onde saem as mais deliciosas receitas. Nesses dois domicílios o gênero se (re)cria e consolida seu domínio na cidade. Porém será possível identificar uma diferenciação do samba tocado hoje em ambas as partes?

No livro Geografia Carioca do Samba (Casa da Palavra), o jornalista Luiz Fernando Vianna lança a tese de que depois do ressurgimento da Lapa, em meados a década de 90, o bairro ganhou novamente a vida cultural perdida pelo abandono de anos anteriores. "Os resultados mais claros foram a redescoberta da Lapa pela cidade; o aparecimento de uma classe média interessada em cantar, tocar e escutar samba; e a oportunidade de valorização de compositores do passado e de sambistas que mantêm essa tradição", diz. O autor continua afirmando porém "que ainda não se consumou a união entre a farta produção dos autores do subúrbio, discípulos do Fundo de Quintal, de Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz". Estaria nesse aspecto o ponto de 'desequilíbrio' entre a música feita na ZN e na Lapa?

Chegamos então ao Clube Renascença, no Andaraí, Zona Norte da cidade. Ali, há um ano que as segundas-feiras se transformaram no dia dos músicos tirarem uma 'folga' fazendo o que melhor sabem: alguém arrisca um palpite? O Samba do Trabalhador, como ficou conhecido o evento, é o espelho do que se produz hoje na Zona Norte. Lá encontram-se desde velhos conhecidos, como Luiz Carlos da Vila, Zé Luiz do Império, Baianinho e Moacyr Luz, a nomes que ainda estão começando, mas que se entrosam perfeitamente com seus mestres.

Da festa surgiu um CD e um DVD (lançado no último 1º de maio, existe data mais propícia?) que registra apenas um pouco do que acontece lá. Num ambiente de total descontração, como pede o gênero, os sambistas vão chegando e aos poucos fazendo um verdadeiro pagode. É. Lá, não existe o receio de se fazer pagode. "Essa palavra quer dizer união, festa, encontro, zoeira e não está ligada a um único ritmo musical. Mas o termo ficou marcado por um estilo de música popularizado no início dos anos 90", explica o cavaquinista Abel Luiz, figura freqüente no Clube

No Clube Renascença rola toda segunda-feira o Samba do Trabalhador, um encontro de bambas que já virou até DVD

"Samba é raiz. Eu, por exemplo, escutei muita MPB por influência dos meus pais. Foi por volta dos 20 anos de idade que saí buscando os autores da Velha Guarda"

Pedro Miranda, sambista da Lapa

Renascença e um dos novos compositores que despontam no disco do Samba do Trabalhador assinando a faixa seis, "Minha Arte de Amar".

A música ouvida todas as segundas no Renascença é um leque que abana toda a história do samba da forma mais generosa possível. Em poucos lugares pode-se ver o veterano Baianinho levantar de sua mesa, largar o copo de cerveja e pegar o microfone anunciando "essa música me garantiu uma casinha, um sustento dos meus familiares", para depois cantar "Ê Baiana", sucesso na voz de Clara Nunes. A música seguinte pode ser qualquer uma do repertório do Fundo de Quintal, de Almir Guineto ou Zeca Pagodinho, e assim vai se fazendo a alegria dos trabalhadores. "O samba não tem idade, tanto velho quanto novo é um baú de possibilidades que se vai criando", diz Moacyr Luz, o agitador que teve a idéia do pagode.

Voltamos agora para a Lapa, onde um novo grupo de jovens autores vem ganhando espaço há cerca de seis anos resgatando uma antiga tendência de samba, feito nos anos 30, 40, 50, quando muitos deles nem eram nascidos. Nomes como Teresa Cristina e o Grupo Semente, Pedro Miranda, Mariana Bernardes, Alfredo Del Penho e muitos outros baseiam seus repertórios na pesquisa musical que traz à tona, sambistas do passado como Wilson Baptista, Ismael Silva, Noel Rosa e Elton Medeiros, entre outros. Essa é a opinião de Cristina Buarque, que acompanhou o surgimento desses novos intérpretes. Apesar de admitir não freqüentar mais a Lapa como outrora, Cristina acha que o caráter pesquisador é intrínseco nessa turma. "Eu aprendo muito com essa nova geração de sambistas. É uma mocidade cheia de talento e inspiração", conta a sambista.

Pedro Miranda, que acabou de lançar o seu primeiro CD, Coisa com Coisa (Deckdisco), ba-

seado num repertório de compositores da Velha Guarda, e apontado como um desses pesquisadores mais atuantes não se considera como tal. “Samba é raiz. Eu, por exemplo, escutei muita MPB por influência dos meus pais. Foi por volta dos 20 anos de idade que saí buscando os autores da Velha Guarda”, diz. Foi ai que, por meio de Paulinho da Viola, ele conhece o trabalho de Elton Medeiros. Daí para a frente foi desfiando um novelo que parece não ter fim.

Em 2002, esse grupo de novos sambistas, filhos do bar Semente, na Lapa, lançaram o disco O Samba é Minha Nobreza. E homenageando a mais fina flor do samba. Pixinguinha, João da Baiana, Cartola, Ismael Silva, Ary Barroso, Paulinho da Viola só para citar alguns, estão selecionados.

Os discos Samba é Minha Nobreza e Samba do Trabalhador representam uma radiografia do que se encontra na Lapa e na Zona Norte de hoje. Enquanto o primeiro é formado quase que totalmente de antigas composições , o disco produzido no Renascença sintetiza o que acontece por lá, novos nomes como Gabriel Cavalcante, Abel Luiz e Wandinho, que dividem faixas com Luiz Carlos da Vila, Moarcyr Luz, Marquinhos Santanna. E há ainda o fato de compositores consagrados nas vozes de grandes cantores, como é o caso de Zé Luiz do Império, terem a chance de lançar seus próprios discos.

Embora à primeira vista possa se verificar uma diferença nos repertórios, os próprios músicos não consideram algo consciente, proposital ou mesmo dão muita importância ao fato. Wandinho, autor de “Ladeira de Mangueira”, faixa presente no disco do Samba do Trabalhador, não vê distância nos dois locais, nem entre os músicos, nem mesmo entre o público. “A Lapa hoje já está muito diversificada. Eu falo até como público mesmo. Já vejo muita gente do subúr-

“Eu aprendo muito com essa nova geração de sambistas. É uma mocidade cheia de talento e inspiração”

Cristina Buarque de Holanda

bio freqüentando o local", opina Wandinho. Do mesmo modo Moacyr aponta o sucesso do Clube Renascença como quebra de um paradigma. "Olhe em volta, já é possível ver gente de toda a parte do Rio de Janeiro aqui".

Numa conversa rápida com os músicos que 'descansam' no Samba do Trabalhador, percebe-se que todos tocam ou já tocaram na Lapa e que não há divisões. Ao mesmo tempos, as muitas casas do bairro do Centro têm aberto espaço para nomes, relativamente, antigos. "Wilson das Neves (considerado um dos bateristas seminais da música brasileira) vez por outra toca na Lapa e está tendo só agora a oportunidade de mostrar e registrar um trabalho autoral", diz Pedro Miranda.

Cristina Buarque lembra ainda que o resgate feito pelos novos intérpretes na Lapa ajudou a consolidar o local e a diversificar os estilos. "Eu lembro que a retomada do bairro começou com o Marquinhos de Oswaldo Cruz tocando choro embaixo dos Arcos com os ambulantes vendendo bebidas de uma maneira bem artesanal".

Moacyr Luz estava com Marquinhos nesta época. "Nós tocávamos ali, quando aquilo ainda não era nada. Eu mesmo estava começando a me envolver com samba", afirma.

Para os músicos há também outra explicação para justificar uma possível diferença de repertório, que é a própria história do lugar. "É estranho você ir para a Lapa e não ouvir Noel Rosa, Wilson Baptista, eles fizeram aquilo ali. Assim como é estranho, você chegar no Cacique de Ramos e não escutar o Fundo de Quintal", explica Abel Luiz.

As origens mais humildes da Zona Norte são aspectos relevantes que permeiam a música feita por lá. A alegria do povo que vai às rodas de samba para se distrair de uma rotina pesada de trabalho é vista com unanimidade pelos músicos. "Talvez o samba da Zona Norte seja mais espontâneo. Os próprios instrumentos vão surgindo de acordo com a necessidade, como por exemplo, o repique de mão, que veio de um balde", diz Pedro Miranda.

Wandinho concorda com o companheiro de profissão. "De qualquer maneira a Zona Norte é um espaço mais democrático e as pessoas parecem mais felizes". É como se essa espontaneidade continuasse a alimentar um motor propulsor que dá energia à música.

Com toda a simbiose que o samba representa quem arriscaria responder a pergunta feita lá em cima? Mesmo que a Zona Norte continue, como foi na maioria das vezes, o berço criador do gênero na Cidade Maravilhosa, em qualquer morro, praça, pedaço de rio e mar desses que o carioca possui aos montes poderá surgir uma nova melodia. Um grupo de velhos ou moços poderá entoar uma harmonia que se espalhará para ouvidos e corações de milhares de admiradores de samba. E ai cada um que tire sua conclusão.

Este samba é quase uma regra, e como toda, cheia de exceções. É por isso que apesar de motes e teses, não vá se espantar ao ver no Renascença um 'rio passar na sua vida' ou encontrar 'vadiando' na Lapa, um cavaco, um pandeiro e um tamborim criando o próximo hino. Afinal, no samba, compositores e interpretes andam, ou melhor, cantam de mãos dadas as mais lindas canções mostrando, para quem duvidar, que o samba não tem mistérios.

McCANN

ANOS DA AACD NO RIO DE JANEIRO. TRABALHANDO PELA REABILITAÇÃO DE PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA.

uída com recursos levantados no VI Teleton, a unidade da AACD Rio de Janeiro vem ajudando crianças, scentes e adultos. São portadores de deficiência física, que encontram aqui orientação médica, terapias bilitação, aparelhos e acessórios ortopédicos sob medida. Há 2 anos, a AACD apresenta resultados no Janeiro. E, há mais de 55, no Brasil. Saiba mais sobre nosso trabalho no site www.aacd.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO

e AACD no Rio de Janeiro

Rua Maranhão, 125. Bairro da Viga. Fone: 3759 8400

Claves e colcheias do cinema mudo

Um dos mais recentes tesouros musicais resgatados pelo Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) é inaudível, absolutamente mudo. São partituras raras, pérolas da história do cinema silente, de uma época em que João do Rio, Péricles e Di Cavalcanti, só pra citar alguns cariocas distintos, acomodavam-se no escurinho das salas de projeção embalados pelas requintadas "sinfonias cinematográficas". A apresentação gráfica das brochuras é um verdadeiro colírio para os olhos.

O Rio de Janeiro dos anos 20 transpirava cinema e música. A Cinelândia funcionava a todo vapor, fazendo jus ao título de Broadway carioca. Ir ao cinema já virara hábito — a primeira exibição de imagens em movimento ocorrera em 1896 na Rua do Ouvidor. Quem freqüentava as salas da cidade assistia a filmes sem som. O cinema falado só chegaria às salas de exibição cariocas em 1929, quando o Cine Palácio colocou em cartaz "Melodia da Broadway" (Harry Beaumont). E enquanto as películas não tinham recursos sonoros, os exibidores recorriam a recursos como a inclusão de legendas para facilitar a compreensão dos espectadores e a contratação de pianistas que protagonizavam verdadeiros espetáculos tocando ao vivo a trilha sonora.

Parte dessa história começa a ser resgatada pelo Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA). É que técnicos estão trabalhando numa preciosa cole-

SIRÉES BRASILEIRAS

COLLECÇÃO DAS MAIS RECENTES DANSAS

PARA PIANO

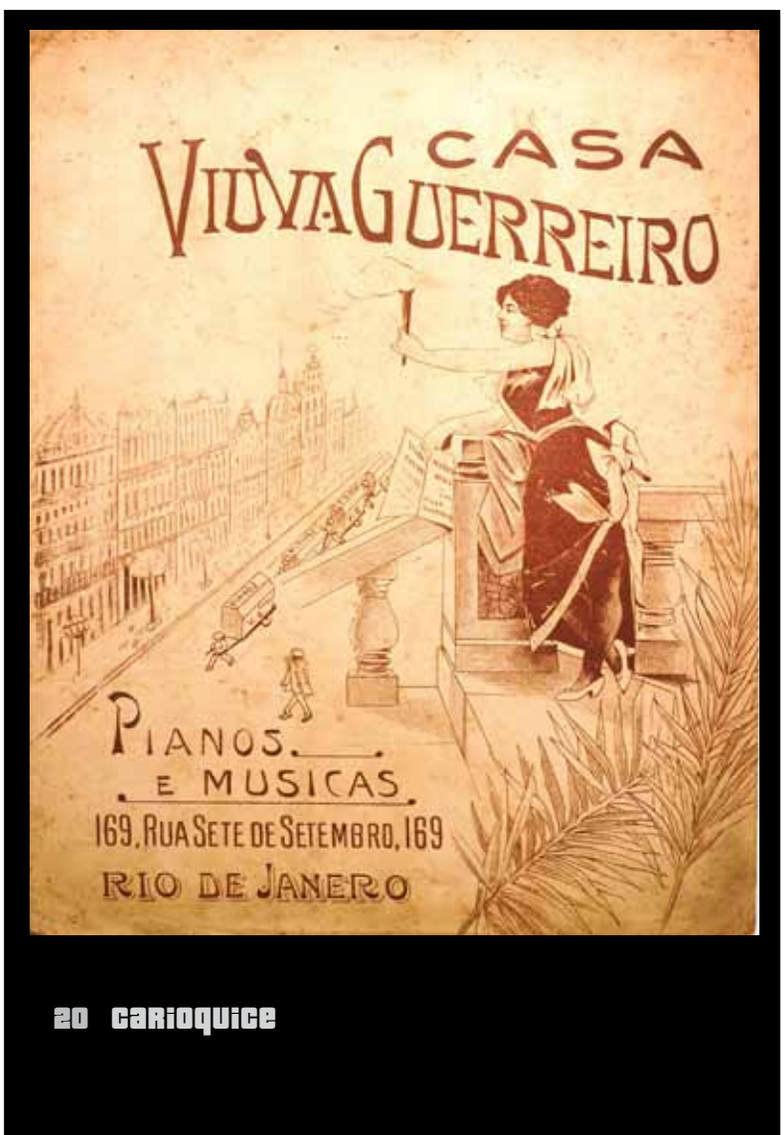
Millions d'Arlequin	Valsa	R. Drigo	1$500
Smiles (Sorrisos) c. palavras	Fox trot	L. S. Roberts	2$000
Mi noche triste (c. palavras)	Tango argentino	S. Castriota	1$500
Insuperavel	Tango	E. Nazareth	2$000
Dengoza	Schottisch	O. P. Caldas	1$500
Estremoza	Valsa Boston	O. P. Caldas	1$500
Tristezas de Pierrot	Valsa Boston	O. P. Caldas	1$500
Colombina	Valsa lenta	O. P. Caldas	1$500
El Cuzquito	Tango argentino	V. Greco	1$500
La Cachimba	Tango argentino	A. Alonso	1$500
La Doma	Tango milonga	P. Polito	1$500
Toto "22"	Tango argentino	A. Spatola	1$500
Cinzas	Valsa lenta	O. P. Caldas	1$500
The Missouri (com palavras)	Valsa	F. K. Logan	2$000
Belgique	Tango	E. Delfino	1$500
Fox trot de las campanas	Fox trot	Viladomat	1$500
Ahi! Cutuba	Polka tango	H. Passos	1$500
Papas calientes	Tango argentino	E. Arolas	1$500
Destiny	Valsa	S. Baines	2$000
Ultimo alento	Valsa lento	O. P. Caldas	1$500
Oh! Papa, Oh! Papa	Fox trot, arranjo de	A. Tavares	2$000
Tabareo	Tango	O. P. Caldas	1$500
Non ti scordar di me	Valsa lenta	O. P. Caldas	1$500
Nostalgia	Valsa lenta	O. P. Caldas	1$500
What do you want to make	Fox trot	J. V. Monaco	1$500
La Payanca	Tango milonga	A. P. Berto	1$500
[illegible]	Tango argentino	E. Delfino	1$500
[illegible]	Tango argentino	S. Castriota	1$500
[illegible]	Tango argentino	P. Paulos	1$500
[illegible]	Tango caracteristico	E. Arolas	1$500
[illegible]	Tango argent., ar. de	A. Tavares	1$500
Pretty Baby (com palavras)	Fox trot	E. Alstyne	1$500
So long Jetty	Fox trot, arranjo de	A. Tavares	1$500

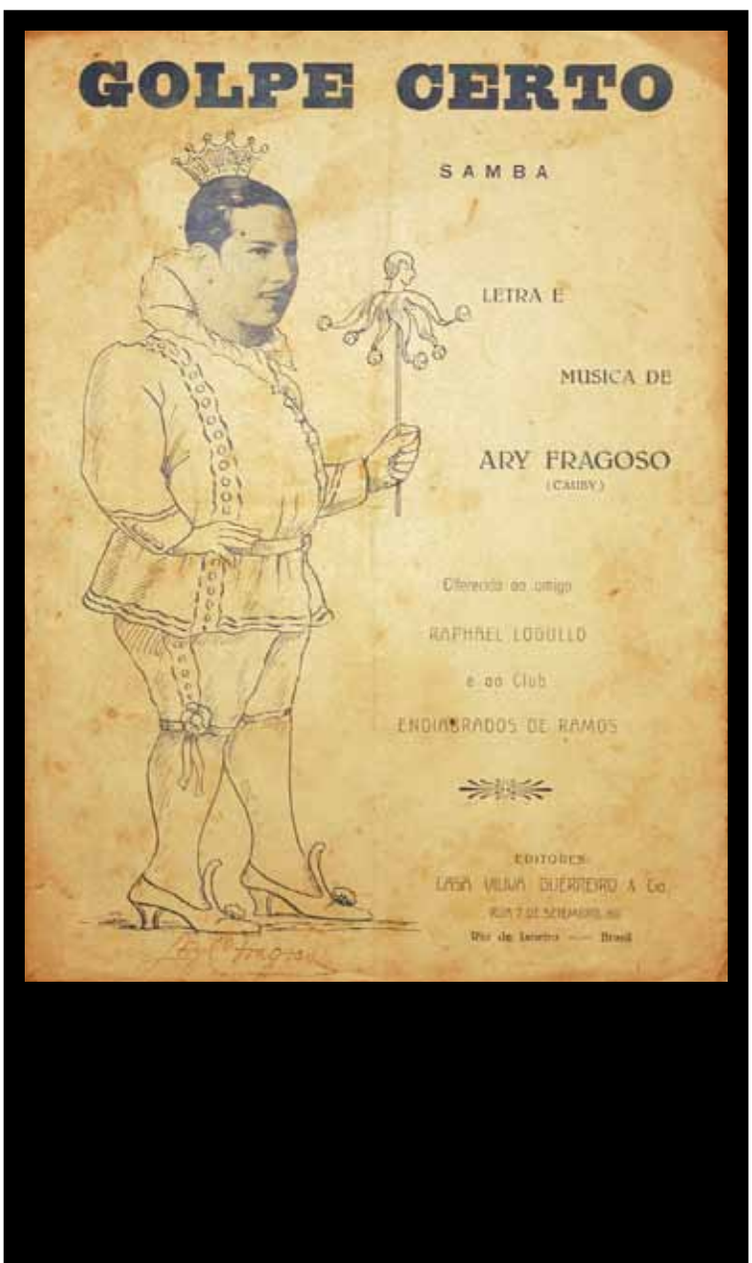
GUITARRA DE PRATA
MUSICA
CHOPP

Casa ARTHUR NAPOLEÃO
ESTABELECIMENTO DE PIANOS E MUSICAS
SAMPAIO ARAUJO & Cia
122, Avenida Rio Branco, 122
RIO DE JANEIRO

ção com 274 partituras, contendo algumas das músicas que encantavam os cinéfilos cariocas na era do cinema mudo. A relíquia foi guardada por um casal de pianistas que animava as salas de exibição no período, Ermelinda e Manuel Pinto Rodriguez. Chegou ao ICCA pelas mãos de um sobrinho dos músicos, embaixador e último chefe de gabinete do ministro da Cultura na gestão Francisco Weffort, que preferiu confiar a Ricardo Cravo Albin a missão de preservar o material.

A coleção da dupla abrange o período que vai cinema mudo até os anos 1950. E é repleta de pérolas que se perderam no tempo. Só do maestro especialista em valsas Aurélio Cavalcanti são dezenas de partituras. "São nomes sepultados pela história", lamenta o patrono do ICCA, Ricardo Cravo Albin. Caso do também maestro e pianista Augusto Vasseur, cuja obra também integra a coleção. "Vasseur foi célebre em seu tempo. Para se ter uma idéia, ele foi designado pelo governo para receber o rei Alberto e a rainha Elizabeth quando eles vieram ao Brasil em 1922. O pianista foi para o porto, em Fortaleza, e embarcou no navio que trazia os belgas. A missão dele era apresentar aos nobres a música brasileira para que eles habituassem seus ouvidos a nossa sonoridade", conta Ricardo. A realeza belga veio ao Brasil para





inauguração do Copacabana Palace. "Acabou que o hotel não foi inaugurado nesse ano".

Valsa, tango, fox-trot eram os ritmos mais tocados nas salas de cinema cariocas. "Naquela época, a preferência era por músicas ligeiras", diz Ricardo. Um dos destaques da coletânea do casal Rodriguez é o material sobre o compositor baiano Assis Valente. Apelidado por Lamartine Babo de O "Pivô do Samba", Valente está representado pelas partituras originais das canções "Cae, cae, balão" (1933) e "Good bye boy" (1933). Esta última — cujos versos recomendavam "deixa de mania de inglês, isso é feio para você, moreno frajola!" — traz estampada em sua capa uma Carmem Miranda irreconhecível sem seus usuais balangandãs. A canção fez um estrondoso sucesso na voz da Pequena Notável.

O material ainda revela um Centro do Rio muito diferente do que encontramos hoje. "Vemos que era um período em que os estabelecimentos dedicados à música, que comercializavam essas partituras, estavam por toda parte", recorda o pesquisador. Ele refere-se a um tempo em que lojas como Casa Vieira Machado, Arthur Napoleão, Beethoven e Imperial espalhavam-se pelas ruas do Ouvidor, Sete de Setembro e pela Avenida Rio Branco. Mais um capítulo da história da cidade que entra para a coleção do ICCA.

Furacão no Itamaraty

Vinícius de Moraes, entre outros dons e quebrantos, colocou a diplomacia em linha direta com Xangô. Foi o branco mais preto da carrière, demolindo convenções e inventando um novo perfil de embaixador, em sintonia com o povo, sua cultura e seu tempo. Graças a ele, apesar da impossibilidade fonética, os itamaratecas aprenderam que Brasil rima com amor.

Vinícius, em 1943: início no Itamaraty

O Ministério das Relações Exteriores pretende criar, ainda este ano, uma ala "Vinicius de Moraes" no Palácio do Itamaraty, no Rio, seguida de uma exposição sobre a porção diplomata do maior poeta da bossa nova. A iniciativa vem acompanhada de uma homenagem louvável, não importa que tardia: o decreto de promoção de Vinicius a embaixador.

Também no arrastão de reconhecimentos do furacão Vinícius está prevista a recuperação do antigo Instituto Rio Branco, um dos prédios do Itamaraty, que passará a abrigar um Centro de Referência da MPB, com apoio da Fundação Getulio Vargas.

"Devemos a Vinicius um verdadeiro passaporte do Brasil no exterior", diz o embaixador Jerônimo Moscardo, ex-ministro da Cultura e atual presidente da Fundação Alexandre de Gusmão, braço do Itamaraty que promove a pesquisa e cooperação na área internacional através, por exemplo, de iniciativa na área cultural.

"No regime militar, Vinicius foi excluído do Itamaraty. E mesmo com a anistia não houve um verdadeiro agradecimento à colaboração dele à nossa política externa. Com a promoção a embai-

Em 1946, com o cineasta Orson Welles: "embaixador" brasileiro em Hollywoody

xador, Vinicius retornaria à casa de Rio Branco cercado de todas as honras e glórias".

O presidente da Fundação Alexandre de Gusmão revela que o presidente do Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA), Ricardo Cravo Albin, é um dos principais inspiradores do projeto.

"Vinicius foi um grande promotor da música brasileira no exterior e um bom diplomata. Dos diplomatas que só fizeram memorando, quase ninguém se lembra. Mas com Vinicius foi muito diferente", ressalta o embaixador Moscardo. O espaço no Itamaraty, completa, será mais uma importante plataforma para projetar a cultura brasileira no exterior.

O Vinicius diplomata nasce em 1943 quando o já laureado poeta, beirando os 30 anos de

idade, é aprovado em concurso para o Itamaraty. O primeiro cargo diplomático veio três anos depois, quando assumiu como vice-cônsul em Los Angeles.

Quando Vinicius desembarca de trem em Los Angeles com sua primeira mulher, Beatriz Azevedo de Mello, a Tati, e os dois filhos, Susana e Pedro, é recebido com um show surpresa do Bando da Lua, de Aloísio de Oliveira, em plena estação. De imediato torna-se um virtual embaixador brasileiro em Hollywood.

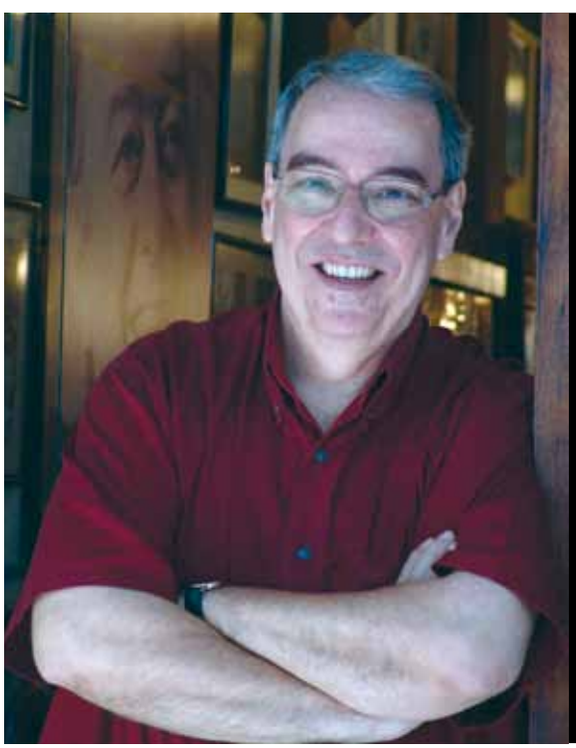
Além de morar próximo à meca do cinema, é figura carimbada nas festas de Carmen Miranda — onde surpreende tocando violão — e circula com desenvoltura ao lado de ícones como Orson Welles e Walt Disney. Outro amigo do peito é Laurindo de Almeida, o então jovem e talentoso violonista brasileiro Laurindo de Almeida, com quem passa a freqüentar o mundo do jazz.

Foram quatro anos em Los Angeles. Pode-se dizer sem exagero que a temporada como vice-cônsul no exterior, além de render em dividendos para o Brasil justamente em um epicentro da cultura mundial, também fez aflorar, por pura saudade da Cidade Maravilhosa, o rascunho de uma das maiores obras do poeta: o "Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro", que ficará pronto apenas meio século mais tarde.

E tirando Nova York, que outra cidade estaria à altura de tamanho talento para o mundo da cultura por parte de um diplomata? Só mesmo Paris, para onde o poeta parte em 1953 com o posto de segundo secretário de nossa embaixada.

Na verdade, Paris é apenas uma referência geográfica. Vinicius circula por toda a Europa, na menor oportunidade. Um de seus grandes amigos no Itamaraty, aliás, é o também poeta João Cabral de Mello Neto, que passou boa parte de sua vida representando o Brasil principalmente na Espanha.

Não foram raras as vezes em que o encontro de tal dupla rendia belos saraus e rodas sobre



"Vinícius quase não participou do histórico show do Au Bon Gourmet, em 1962. Temia que o Itamaraty não aprovasse. Mas foi convencido pelo argumento de que todos tinham o direito de cantar"

Carlos Afonso, dono da Toca do Vinícius.

Um show histórico em 1962: Otavio Bailly, Milton Banana, o diplomata Vinícius, Tom, Os Cariocas e João Gilberto

cultura brasileira, para deleite de seus convidados em várias cidades européias como Genebra. Em 1957 o poetinha passa a fazer parte da delegação do Brasil na Unesco, em Paris. Um ano depois é transferido para nossa embaixada em Montevidéu, no Uruguai.

A esta altura já estava nas ruas o LP "Canção do Amor Demais", onde a parceria com Antonio Carlos Jobim rende pérolas como o samba "Chega de saudade" na batida diferente de João Gilberto. E o filme "Orfeu negro", baseado em sua peça "Orfeu da Conceição", recebe a Palma de Ouro em Cannes logo depois.

Em sua volta ao Brasil, em 1960, entre uma e outra batida de ponto na Secretaria de Estado das Relações Exteriores, no Palácio do Itamaraty, no Rio, Vinicius comparece aos bares das redondezas (como o Vilarinho) e estreita as relações mais do que internacionais com Carlos Lyra, Baden Powell e outros parceiros.

A bossa nova vira uma febre e deixa intranqüilo o nosso mais musical diplomata. Pelas regras do Instituto Rio Branco, nenhum integrante do Itamaraty poderia ser remunerado por outra atividade.

"Ao ser convidado pelo empresário da noite Flávio Ramos, em 1962, para participar do show "Um encontro com Tom, Vinicius, João Gilberto e Os Cariocas", Vinicius quase recusou, achando que o Itamaraty poderia não aprovar. Flavio argumentou: 'Vinicius, todo mundo tem o direito de cantar'. Vinicius disse que Flavio tinha razão e participou daquele que seria o mais importante show da história da bossa nova, onde foram lançadas canções como 'Garota de Ipanema', 'Samba da bênção' e 'Samba do avião", comenta Carlos Alberto Afonso, dono da Toca do Vinícius, em Ipanema, e um eterno pesquisador da história e das histórias do poetinha.

Em 1963, mais uma curta temporada na Unesco em Paris. Volta em 1964 convocado pelo novo regime, com o qual não há a menor possibilidade de sintonia. Cinco anos depois é exonerado. Vinícius saía de cena como diplomata. Mas entrava definitivamente como estrela da MPB nos palcos do Brasil e do mundo.

Tem um querubim dedilhando na batucada

Cristina Braga guarda na lembrança uma gravura vista aos três anos de um doce anjinho tocando harpa. A partir daí, passou a dizer à mãe "quero tocar harpa, porque quero ser anjinho". Daqueles dias até hoje tornou-se uma das mais importantes musicistas brasileiras, com uma carreira prestigiosa também no exterior, e se tornou a maior responsável pela divulgação de seu instrumento no país.

Primeira harpista a gravar um disco de sambas ("O mundo é um moinho- sambas de Noel Rosa e Cartola"), em que a harpa faz toda a base harmônica, Cristina afirma que não há abismo entre as pautas de música popular e música clássica. "Afinal, quem não gosta de samba, bom sujeito não é", diz saudando a miscigenação cultural do Rio de Janeiro como responsável por toda essa diversidade. Antes de mais nada, ela afirma, música é uma só. E acrescenta que uma interpretação de MPB pode exigir o mesmo de uma obra clássica.

Carioca da Tijuca, Cristina começou aos cinco anos seus estudos de piano. E aos onze a harpa entrou definitivamente em sua vida. "Tias Christininha e Rosinha me levaram para as aulas de harpa, reivindicadas desde os três, e a partir daí foi muito estudo", relembra. E conta que toda a energia de adolescente foi canalizada para tocar e viver música. "Cinema? Fim de semana fora? Nada. Cada minuto perto do instrumento era a glória. E ainda achava um absurdo ter que ir para a escola estudar matemática, português, física e química. Por sorte, adolescentes têm pais."

Toda a dedicação ao instrumento, somado ao gosto musical eclético da família, que lhe permitia ouvir de Tom Jobim, Frank Sinatra, Beethoven e John Travolta à música contemporânea, levou Cristina a apreciar várias vertentes. E aos dezesseis anos fez seu primeiro concerto profissional na Holanda, tocando chorinho com Vanja Ferreira. Depois de graduar-se na Escola de Música da UFRJ, tendo como mestra Acácia Brazil, a harpista complementou seus estudos nos Estados Unidos com Susan McDonald. E em 1993 assumiu, por concurso, o cargo de solista do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Aos 19 anos a harpista já vivia uma verdadeira efervescência profissional. Foi para os Estados Unidos lançar um disco com o grupo OPU5, e recebeu convites para concertos solo com várias orquestras brasileiras.

Nesses quase vinte anos de carreira Cristina ostenta uma extensa discografia de onze álbuns,

incluindo trabalhos com Nara Leão, Ângela Maria, Moreira da Silva, Ivan Lins, Titãs e muitos, muitos outros. Mas ela não pára e já está finalizando, ao lado do baixista Ricardo Medeiros, seu marido e parceiro de composições um novo álbum de música popular que terá o título de "Cortejo". "Nesse novo disco, de doze músicas, sete serão autorais", adianta.

E entre seus próximos projetos está o de gravar a obra de câmara completa de Villa-Lobos para harpa.

Incansável, Cristina ainda está à frente da direção do Festival do Vale do Café, que acontece de 15 a 30 de julho na região de Vassouras. Nessa quarta edição, mais uma novidade, o Encontro Latino-Americano de Harpas, que reunirá trinta harpistas em apresentações e cursos, além de uma exposição de instrumentos antigos.

Da pequena menina que queria tocar harpa para ser anjo, e que sempre achou que música fosse algo mágico, Cristina tem conseguido envolver nessa magia todos aqueles que já tiveram o prazer de ouvi-la. Não é à toa que já colheu elogios diversos, incluindo o do maestro e violoncelista russo Mstislav Rostropovich. Saravá, Cristina, saravá!

"Cinema? Fim de semana fora? Nada. Cada minuto perto do instrumento era a glória. E ainda achava um absurdo ter que ir para a escola estudar Matemática, Português, Física e Química."

Cristina Braga, harpista

AQUI A INFORMAÇÃO
CHEGA ANTES

Quando penso em folhas secas

por Tito Madi

"Quando eu piso em folhas secas
caídas de uma mangueira
penso na minha escola
e dos poetas da minha Estação Primeira".

"Tire o seu sorriso do caminho
que eu quero passar com a minha dor".

Essas são algumas jóias poéticas/musicais saídas da cabeça e do coração de Guilherme de Brito, também meu parceiro de poucas músicas.

Homem bom e talentoso artista, Guilherme nos deixou e foi para o céu onde, por certo, colocará sua bela poesia em melodias que Nelson Cavaquinho está lhe reservando. Que os médiuns espirituais, aqui na terra, psicografem-nas urgentemente.

Deixou todos nós tristes e desolados com sua partida, e Nena, sua dedicada esposa, com quem formava um verdadeiro "casal 20", como diria Ibrahim Sued. Eu acrescentaria mais alguns zeros para defini-los.

Éramos um grupo de amigos como Luiz Claúdio e Eloísa, Elton Medeiros, eu e minha saudosa Lúcia Maria, e outra grande saudade - Paulo Tapajós e sua Norma, que eu chamo de minha fotógrafa preferida. Nos hospedávamos no hotel do Luiz, o ranzinza, porém extremamente bom e carinhoso, que Conservatória perdeu para os anjos.

Andávamos pelas ruas da pequena cidade e éramos saudados pelos habitantes locais e pelos turistas vindos de todas as regiões do Brasil.

Porém Guilherme era o mais festejado. Era um rei, e nós os súditos mais íntimos. À noite cantávamos para um público atencioso que também nos acompanhava, tornando-se um afinado e lindo coral. Na verdade, na Conservatória de Luiz, Eládio Wolney, Iracema, Magrão (MPB-4) e dos irmãos Borges, todos cantam e não deixam morrer esse gênero musical que é a seresta, quase esquecida pelo nosso Brasil.

Guilherme se foi, nos deixando tristes e, de uma certa maneira, órfãos, pois ele era um verdadeiro pai ou irmão mais velho. Porém deixou Juarez, seu filho, também cantor e músico dos bons, para perpetuar sua obra com o genial Nelson Cavaquinho e outros parceiros. E nós os ajudaremos, com certeza.

"Conservatória, meu amor,
Quando eu partir, por onde for
Hei de lembrar teus violões,
tuas estrelas, teu luar.
E esta flor que a saudade
já semeou dentro de mim,
Ao regressar vou te ofertar
Para enfeitar o teu jardim
E quando alguém te visitar

Guilherme de Brito

Eu acho que deves falar
Que estou apaixonado,
E diz por quê,
Eu posso um dia te deixar,
mas vou querer levar para mim
Teus violões, tuas seresta,
e o teus jardim.
Se não puder, quero ficar
Para amar teu céu, beijar teu chão
Conservatória,
onde eu perdi meu coração".

E o coração do Guilherme pulsará eternamente por lá, em homenagem à cidade que ele mais amou e contribuiu para tornar famosa no Brasil e fora dele.

Já deve ter encontrado com seu mais famoso parceiro, Nelson Cavaquinho, que por certo o abraçou lhe dizendo em tom de brincadeira:

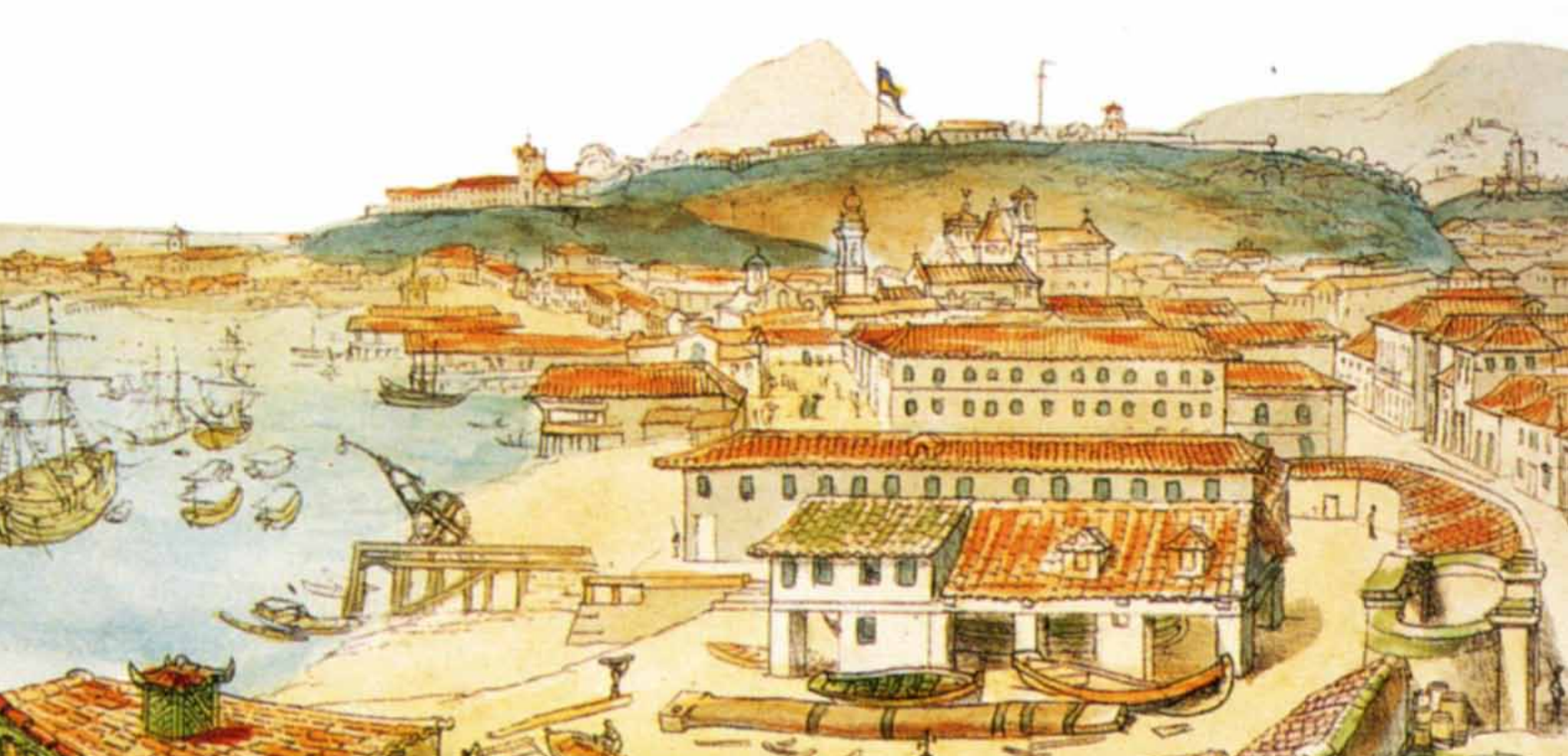
- Ô parceiro, como você demorou! Tenho mais de quinhentas músicas para botar letra.

Tchau, Guilherme, Guilherme de Brito, e mostre seu sorriso no caminho, sem nenhuma dor, porque era bonito e especial o seu sorriso...

Quando o Rio amanheceu bleu blanc rouge

por Felipe Maciel

Não tem jeito, o Rio de Janeiro é mesmo crioulo e francófilo. Uma linda mistura de ébanos retintos com o biquinho de quem pronuncia três bien com sotaque. E tudo começou há quase dois séculos, quando desembarcou na Baía de Guanabara uma seleta dos melhores artistas e arquitetos provindos da Cidade Luz. Estamos falando da ponte naval Rio-Paris, estamos em março de 1816, a Missão Francesa está chegando ao Brasil.



O desembarque, em março de 1816, dos membros da Missão Francesa no Rio de Janeiro - em um desenlaço da chegada da corte portuguesa oito anos antes -, trouxe para o Brasil os representantes do Neoclassicismo em voga na Europa. Habituados à pompa dos salões europeus, os artistas tiveram pela frente um desafio: o de conferir à cidade um verniz de polidez e sofisticação. Na ausência de instituições e qualquer ordenação no ensino artístico, Joachim Lebreton, Jean Baptiste Debret, os irmãos Taunay, Grandjean de Montigny, Charles Simon Pradier e, posteriormente, os irmãos Ferrez protagonizaram mudanças na sociedade carioca que guiaram a arte brasileira pelo século XIX.

Com a efeméride dos 190 anos de Missão Francesa, a passagem destes expedicionários pelo Rio - controversos em seu tempo e esquecidos no século passado — passa por uma revisão histórica. Doutor em História das Artes pela Universidade de Essex, Julio Bandeira defende a tese de que não se pode falar em arte brasileira no século XIX sem recorrer aos artistas franceses aqui aportados em um brigue de bandeira norte-americana.

"Foram eles que criaram a Academia Imperial de Belas-Artes, instituindo o ensino acadêmico no Brasil. Registraram a paisagem, os acontecimentos históricos e a vida mundana dos escravos do Rio oitocentista. Ergueram prédios e monumentos seguindo os padrões neoclássicos e serviram para gênese simbólica do Império brasileiro. Foi a partir deste núcleo que a primeira geração de artistas brasileiros formou-se no país, bebendo direto na fonte francesa", avalia.

Segundo Pedro Xexéo, curador da coleção de pinturas brasileiras do Museu Nacional de Belas-Artes (MNBA), Lebreton - ex-guardião do Louvre,

grande connaisseur e chefe da Missão — era o mais fervoroso partidário de Napoleão entre os artistas. "Foi ele que, com sua coleção pessoal de obras de arte, criou o núcleo constitutivo do que vem a ser o atual MNBA, na Cinelândia. Esse material foi trazido com o intuito de servir como objeto de estudo para seus discípulos na academia".

Xexéo, que em parceria com Julio Bandeira e Roberto Cunduru escreveu o livro "A Missão Francesa", é um entusiasta declarado da caravana cultural francesa e seus feitos civilizatórios. Entre os missionários, destaca Xexéo, Taunay era o pintor de maior prestígio na França e também o primeiro a regressar a seu país de origem, deixando por aqui, entretanto, seus descendentes.

Debret, por sua vez, estava para a corte de Pedro I como Jacques-Louis David para a de Napoleão, enquanto Montigny inscreveu seu nome entre os mestres da arquitetura carioca, erguendo a Praça do Comércio, atual Casa França-Brasil, e o Solar da Gávea, duas relíquias neo-clássicas nos trópicos.

"Taunay foi um dos fixadores da paisagem carioca. Debret consagrou-se o artista oficial do Primeiro Reinado. Pintou quadros históricos, desenhou trajes de gala, criou cenários e triunfos romanos, mas foi como testemunha ocular do Rio profano que realizou seu trabalho artístico mais importante. Montigny foi o mais combatido entre os franceses no Rio. Desenhou muito, construiu pouco, teve sua principal obra — a sede da Academia Imperial de Belas Artes — demolida, mas curiosamente permaneceu no país até sua morte em 1850", enumera.

Debret: imagem oficial e oficiosa brasileira do século XIX

De todos os expedicionários da Missão Francesa, Debret é, sem dúvida, o que mais se

Debret, Taunay, Lebreton, Montigny são apenas uma mostra do time de sonhos que veio reproduzir nos trópicos um pedaço generoso da civilização francesa

aprofundou na relação com as raízes brasileiras. Sua obra mais notável "Voyage Pittoresque e historique au Brésil" - editada em três volumes após seu retorno à França – reúne litografias estampadas e textos que flagram hábitos e costumes da cultura nacional.

Segundo Julio Bandeira, o pintor percebeu a autenticidade cultural do país - que passara três séculos isolado do mundo - e se abria naquele momento, deslumbrado, para o estrangeiro. E percebia, ao mesmo tempo, que esta cultura estava em curso de desaparecer. "Comparo as aquarelas de Debret à investigação artística feita por Delacroix na África. São dois artistas que se quedam extasiados pela diferença e pelo exotismo de matizes distantes da matriz européia", explica.

Foi igualmente Debret que inventou as bases simbólicas do Brasil imperial. Entre quadros e esboços históricos, registrou a aclamação de Dom João VI, a chegada da imperatriz Leopoldina e a coroação de D. Pedro I. Até mesmo a Bandeira brasileira nasceu de uma criação de Debret.

"Inspirado no símbolo dos regimentos napoleônicos, com um losango inserido em um retângulo, Debret adaptou a bandeira ao amarelo da dinastia dos Habsburgo-Lorena, de Dona Leopoldina, ao verde dos Bragança, de Dom Pedro".

Taunay e a paisagem carioca

As curvas das montanhas, a densidade da floresta, o desenho do litoral e a vida pacata do Rio de Janeiro da segunda década do século XIX estão imortalizadas nas telas de Taunay. Apesar de pouco numerosos, são quadros que podem ser atualmente observados em diversos espaços da cidade, como nos museus Nacional de Belas-Artes, Raymundo Ottoni de Castro Maya, Nacional da UFRJ, Histórico, a Chácara do Céu, o Palácio das Laranjeiras e o Solar da Marquesa dos Santos.

Na tela "Passagem do Cortejo Real na Ponte Maracanã", Taunay revela uma cidade ainda predominantemente rural. Em "Igreja da Glória" surpreende pelo recorte do litoral que chega ao sopé do monte onde foi erguida a igreja, hoje afastada do mar por quilômetros em conseqüência dos sucessivos aterros.

A visão panorâmica do Morro de Santo Antônio permitiu ao pintor o registro do casario colonial visto do ângulo do refúgio dos frades franciscanos. O quadro "Praia de Botafogo em 1816" salvou para a posteridade uma bucólica visão do bairro ao entardecer, em que o Corcovado, sem o Cristo, emerge na cena como um enorme paredão natural.

Para Julio Bandeira, entre os óleos executados no Brasil por Taunay, a "Cascatinha da Tijuca" é o mais célebre. "Impressionado pela magnitude da natureza, o já veterano artista pintou uma cena em que a floresta ocupa todos os espaços da tela e a presença humana - inserida no contexto da pintura - torna-se diminuta e insignificante".

A pureza das formas de Montigny em meio à selva barroca

Em meio ao ecletismo arquitetônico do Centro do Rio, as linhas retas e sóbrias da Casa de Cultura França-Brasil chamam atenção pelas

formas austeras e puras. Ainda que no exterior, a simplicidade defina a construção, é na parte interna que se revela a monumentalidade da obra de Montigny com suas colunas dóricas douradas, abóbadas e cúpulas simétricas que em tudo diferiam da arquitetura local.

A residência do arquiteto francês - erguida na distante Gávea e incrustada na mata virgem — é outra raridade sobrevivente à ferocidade do tempo. O Solar Gandjean Montigny — localizado nos jardins da PUC Rio — segue a mesma aclimatação neoclássica e permite contrastar o ideário artístico de Montigny aplicado a um espaço público e a outro privado. O Solar também revela como o arquiteto lidou com as contingências locais e incorporou certos localismos a sua obra.

O professor de arquitetura da Universidade Federal Fluminense Roberto Conduru lamenta a lógica da barbárie que destruiu a sede da Academia Imperial de Belas-Artes na antiga Travessa das Belas-Artes, onde hoje funciona um estacionamento. "É lamentável que do prédio original e seu entorno tenha restado somente o pórtico da academia alocada no Jardim Botânico do Rio, completamente fora de seu contexto, como uma espécie de ruína prematura".

Para Conduru, a chegada da Missão Francesa marca o momento em que a cidade deixa para trás o provincianismo colonial. "Foi com estes artistas que o Rio superou os estilos Barroco e Rococó predominantes, mas já desgastados", considera Conduru.

"A missão é constantemente acusada de ter desviado a evolução natural das artes visuais no Brasil. Acredito que esta avaliação é, em parte, equivocada. Mesmo os Estados Unidos não escaparam do predomínio neoclássico no século XIX. Com o Brasil não seria diferente", avalia.

"Foi com estes artistas que o Rio superou os estilos Barroco e Rococó"

Roberto Conduru, professor de arquitetura

Com a chegada da família real dos Bragança na mais imponente possessão ultramarina lusitana em pleno terror napoleônico, o Rio de Janeiro - que em breve se tornaria a capital do Império brasileiro e, posteriormente, da República – ainda preservava ares coloniais.

Insalubre, com uma arquitetura predominantemente barroca e modesta, a cidade passaria pelo mais importante processo de modernização, urbanização e embelezamento de seus domínios. Era necessário se livrar da imagem de terra do degredo, de calor sufocante, habitada por negros, índios e mestiços entregues a vícios é luxúrias. O Rio no desenrolar do século XIX aspiraria a ser uma cidade afrancesada, culta como Paris.

A predominância da cultura francesa entre a corte portuguesa e a elite local é, no entanto, um dos paradoxos da Missão Francesa no Brasil, ressalta o especialista em História da Arte Julio Bandeira. A incoerência está no fato de que Portugal ser um fiel aliado da Inglaterra: um protetorado inglês, ainda que não oficialmente declarado. E a França bonapartista representava o principal perigo à supremacia da Coroa inglesa.

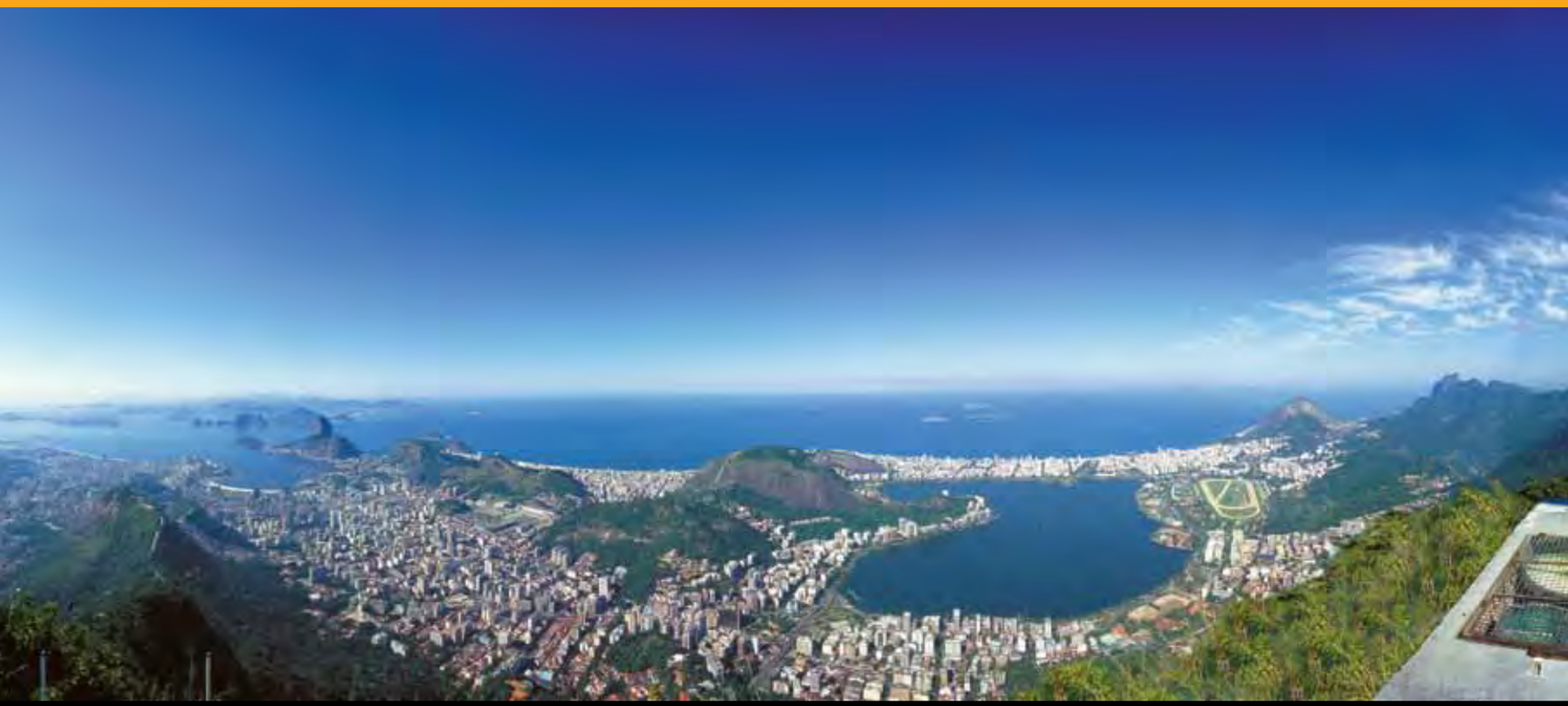
A vinda de artistas franceses, declarados partidários de Napoleão, só se concretizou em razão do bem-sucedido manejo político da corrente francófila portuguesa, comandado por Antônio de Araújo Azevedo, o conde da Barca.

"Coube à Inglaterra dominar a economia brasileira, via Portugal, por mais de cem anos, mas foi a França quem direcionou o comportamento das elites brasileiras. Os bancos e o comércio eram ingleses, a cultura e as boutiques da Rua do Ouvidor, francesas", afirma Bandeira, que complementa: "Vem deste período uma elegância no comportamento carioca que permanece até nossos dias", opina.

Se o deslumbramento do Brasil pela França era notório, os franceses também nutriam pela selvageria brasileira um fascínio romântico. "Os franceses viram o Brasil como uma espécie de 'éden perdido' desde o Descobrimento. Basta recorrer aos Ensaios de Montaigne, à teoria do 'Bom Selvagem', de Rousseau, ou ao projeto civilizador da França-Antártica, de Villegaignon no Rio de Janeiro, para esclarecer que a ligação Brasil-França antecede em séculos a Missão Francesa", conclui Julio.

Vista panorâmica com o Pão de Açúcar ao centro

a cidade indizível e seus ângulos impossíveis



fotos **helmut batista** textos **Rubem Braga**

Parque da Tijuca

“Ninguém pode amar mais do que eu esta cidade do Rio de janeiro. Ó, grande beleza de cidade, ó cidade que é vinte, trinta, quarenta cidades imprevistas...”

Floresta da Tijuca

Praia o Flamengo

"... uma infiltrada na outra, esta mais colonial que Ouro Preto, aquela mais nova que Goiânia, uma de alta montanha, uma de oeste de Minas, uma toda de praia, outra de casarões e arvoredo..."

"... ó ruas estranguladas entre mares e morros, recantos e esplanadas, cartões-postais baratos e segredos de esquinas sutis, avenidas afogadas em sol e laderiras de húmus esquecidos..."

Paquetá

Praia da Barra da Tijuca

"... cidades de minhas tantas agonias e felicidades, palcos de velhas inquietações, canais de silenciosa aventura, blocos de cimento que me esmagaram, praças de humilhações..."

Santa Teresa

"...arrebaldes de exaltações líricas, minha medíocre história anda escrita em tuas ruas, em nenhuma entre as cidades é mais formosa do que tu nem sabe mais coisas do que mim..."

"'...E nos debruçávamos sonhadoramente sobre os cartões-postais que as pessoas do Rio de Janeiro mandavam: o bondinho do Pão de Açúcar (que era de Assúcar) e o Corcovado, ainda sem Cristo...".

Niterói

Ah Bibi, se eu pudesse entrar na sua vida

por **Vera de Souza**

Bibi Ferreira é a mais superlativa das atrizes que pisaram os sacrossantos templos do teatro brasileiro. Absoluta, a estrela maior não se restringe a divinizar a interpretação nos palcos, mas é regente de todos os fundamentos da dramaturgia. Bibi canta, sapateia, declama e dirige os outros atores em cena. Portanto, não é tietagem ou exagero quando se afirma que nunca existiu tamanha luminosidade em qualquer momento da nossa arte cênica. É uma pena que Bibi não possa dirigir nossas vidas.

A grande dama do teatro, Bibi Ferreira teve sua estréia no palco com apenas 24 dias de nascida e de maneira inusitada. O enredo pode parecer o de uma comédia ligeira, mas não há nada de ficção. Foi na montagem da peça "Manhãs de Sol", escrita por Oduvaldo Viana, pai, e estrelada por sua mulher, Abigail Maia, de quem Bibi herdaria o nome. E ela quem nos conta "a poucos minutos do início do espetáculo, a boneca de cena tinha desaparecido. E alguém lembrou que um ator da companhia, Procópio (Ferreira) tinha sido pai há pouco e que sua mulher ia sempre ao teatro com a criança. Dito e feito, me pegaram emprestada. Assim foi que fiz minha estréia nos braços de minha futura madrinha no Teatro São Pedro, hoje João Caetano".

Hoje, 85 anos depois, a carioca nascida numa pensão da Rua dos Inválidos, nos recebe em seu apartamento que descortina a Baía de Guanabara e conta muitas histórias da sua vida, do teatro e dos planos futuros. Bibi é uma metralhadora.

Às vésperas de viajar para São Paulo, onde irá supervisionar um espetáculo que comemorará os 27 anos do Maksoud Plaza, Bibi nos conta encantada que Henri Maksoud guarda as gravações do único show de Frank Sinatra naquela cidade. E diz que ficou comovida com a declaração do cantor sobre o Maksoud: "esse é o hotel mais bonito que já vi no mundo".

Mas as atividades não param aí, como de resto, por toda sua vida. Em março, como resultado do CD gravado no fim do ano passado com Miguel Proença, "Tango", Bibi se apresentará em Buenos Aires, no Grande Festival Internacional de

Bibi em "Uma Noite de Amor"

Tango. "Recebi um e-mail do maior crítico musical de lá, dizendo que minha interpretação de tangos é a melhor dos últimos anos", diz orgulhosa, lembrando o quanto gostaria que a mãe, a avó e todos os parentes argentinos e uruguaios pudessem estar vendo isso.

O tango é, na realidade, um reencontro com suas origens. Bibi cresceu cercada por uma aura portenha. Sua mãe, a bailarina espanhola Aída Izquierdo, nascida em Valencia, viveu por muitos anos na Argentina. Seu tio trabalhou no consulado argentino no Rio e os grandes artistas que aportavam na cidade, os mais importantes milongueros, depois de Gardel, que vinham se apresentar aqui no Cassino da Urca, acabavam por passar pela casa de seus pais.

Aliás, a língua-máter de Bibi foi o Espanhol, como ela conta. Depois da breve aparição nos palcos ainda recém-nascida, seus pais Procópio e Aída se separaram. Procópio ainda não se transformara no grande ator que seria. E Aída, decidiu ir para Argentina ao encontro de seus familiares. Nesta época, a grande companhia espanhola Velasco estava contratando artistas para um longa turnê. Sua mãe, muito jovem e bonita foi aceita. A temporada foi de três anos, passando por diversas cidades brasileiras, Panamá, e Costa do Pacífico. E foi nesse período, que Bibi aprendeu a falar: o Espanhol, claro. Do Português não tinha notícia.

E quando chegaram a Santiago do Chile, resolveram estrear a pequena menina. "Era uma

Muito pequena, Bibi acompanhou sua mãe, a bailarina Aída Izquierdo numa turnê de mais de três anos

A densidade de sua personagem Joana em "Gota D´água" cantando a música-tema é inesquecível

estranha apoteose. Desciam todas as vedetes da companhia fantasiadas de pedras preciosas. Essas coisas antiguinhas. Rubi, Esmeralda, Safira e eu era a pérola. Descia por último, imitando as vedetes. Dizem que eu fazia tão direitinho que não pensavam que era uma criança e sim uma anã" (risos).

Por fim, a companhia veio para o Rio se apresentar no Teatro Lírico, no Largo da Carioca. E o pai, já então ator famoso, foi assistir à estréia da filha. "Nessa época ele era a paixão do Brasil. O homem que fazia rir e pensar. Ele e minha mãe voltaram a se apaixonar e saímos da companhia", conta.

Começaram verdadeiros anos dourados, diferente de toda pobreza que o casal enfrentara à época do casamento e nascimento da filha. Procópio comprou uma casa na Rua Paissandu esquina de Ipiranga e Bibi passou a receber o melhor que podia ser oferecido em termos de educação: aulas de balé, idiomas, violino, piano, violão. Mas, mais uma vez, ela estudaria em outro idioma: dessa vez o Inglês. "Meu pai quis me colocar no Colégio Sion, mas fui recusada. Era filha de artistas". Os jornalistas na época, como Austregésilo de Athayde e Chateaubriand inflamavam os editorias dos jornais ao falar do absurdo da situação. "O curioso é que como os costumes mudaram. Hoje, as grande famílias pagam aos artistas de televisão para que estejam em suas casas, nas festas", comenta.

Bibi acabou por fazer o ensino básico numa escola inglesa, onde o Português era apenas uma matéria. "Até hoje só sei falar a tabuada em Inglês", diverte-se.

O Português, acabou por se tornar a sua terceira língua. Mas como ela mesma diz, os taconeos (o sapateado espanhol), as palmas do flamengo, o gorjeio do árabe e os tangos, em muito contribuíram para sua sensibilidade musical.

Mas se toda essa sensibilidade viria aflorar num futuro, Bibi quando jovem não sabia o que queria da vida. "Era uma mocinha sem opinião, pois sempre resolviam a vida para mim. Nem a

minha roupa eu escolhia. Era minha avó, que veio de Buenos Aires, que as fazia".

Ela conta que não queria ser musicista ou artista, até que uma coisa curiosa aconteceu. A temporada de seu pai não ia bem. A bilheteria estava embargada e ele precisava ganhar muito dinheiro. Um grande amigo de Procópio, o jornalista e escritor, Gastão Pereira da Silva, responsável por muitas das traduções das peças que o ator representava, deu-lhe uma sugestão. A de estrear a filha no teatro, o que garantiria um alimento novo a carreira de Procópio.

Nessa época Procópio e Aída estavam separados. E ele, de São Paulo mandou um telegrama à ex-mulher: "Que tal estrearmos Bibi na próxima temporada no Teatro Serrador. Procópio".

"Ninguém me perguntou se eu queria ou não. Eu não tinha opinião", observa Bibi. Sua mãe autorizou e ela foi fazer teatro. A parti daí, ao invés de acordar cedo para ir à escola, levantaria entre 10h e 11h. Iria ensaiar de 13h às 18h e trabalhar duas sessões. A das 20h e das 22h. Isso todos os dias. Àquela época, o teatro tinha função de segunda a segunda, além das matinês das quintas, sábados, domingos e feriados. "Saí

Bibi e seu pai, Procópio Ferreira

Para Bibi, "O Noviço", de Martins Pena, foi seu papel mais difícil. Nele ela interpretava um jovem padre que se transformava numa velha

de uma vida de estudante para essa vida que nunca mais deixei", reflete Bibi.

Mas se para muitos a situação era inusitada, para Bibi as coisas fluíam com naturalidade. Afinal ela conhecia como se orquestrava uma comédia e o mecanismo do teatro. "Apesar de nunca ter feito curso de teatro, eu sabia isso tudo. Tinha uma coisa excepcional que carrego até hoje. Sou um grande público. Assisti de tudo. E tudo que era bom. Ópera, balé, peças de Dulcina, Jaime Costa, Eva Tudor e de meu pai", conclui.

A combinação de Procópio e Bibi no palco foi um enorme sucesso. Casas lotadas em todas as sessões. A certa altura, esgotou-se o repertório que atendia as exigências de um homem e uma menina em cena. Procópio procurou em diversos autores. Nada. O público não aceitava outro tipo de relação entre os dois, em que Bibi não fosse filha, sobrinha, neta, aluna etc. Até que em uma das peças,"Uma noite de amor", Procópio a colocou no papel de sua amante. Bibi tinha 17 anos e como se define uma virgem imbecil e otária,que não sabia de nada. "A peça se passava toda numa garçonnière. E era muito complicado para o público. Afinal eram os anos 30. E a platéia nem respirava. Quando acabou o espetáculo não houve um aplauso!", relembra. A peça ficou em cartaz apenas quatro dias.

Diante da falta de textos, Procópio sugeriu à filha "quando uma loja vai bem ela abre uma filial". E foi assim que ele organizou a companhia e o repertório de Bibi, que estreou no Teatro Phoenix, na esquina da ruas Almirante Barroso e México. Mais um dos belos teatros da cidade que foi abaixo. Nessa verdadeira réplica da Comédie Française, Bibi teve como primeiro diretor George Morineau, em "Sétimo Céu". A doença de George fez com que sua mulher, Henriette Morineau viesse ficar em seu lugar.

Foram três anos e algumas peças como "Re-

Bibi e Paulo Autran em “O Homem de La Mancha”

becca" que lhe rendeu a ida a Londres para rodar um filme. Madame Morineau acabaria por montar sua companhia, Os Artistas Unidos. Quanto a Bibi, aproveitando a estada no Reino Unido, acabou por ser tornar ouvinte da Royal Academy of Art. "Foi lá que descobri que gostava de direção e ainda tive a chance de conhecer pessoas muitos interessantes como Peter Ustinov e Clemence Dane", relembra.

Clemence Dane, aliás, foi a responsável por Bibi traduzir o texto "Divórcio", primeiro drama interpretado por Procópio e dirigido por Bibi.Foi um sucesso inigualável com os 800 lugares do Teatro Serrador lotados por toda a temporada de oito meses.

Bibi conta a fórmula de seu sucesso na direção. "Para dirigir é preciso estar mais na platéia do que no palco. Além disso, consegui que os atores me aceitassem e acreditassem no meu trabalho". As dificuldades poderiam ser muitas, pois Bibi era muito mais jovem que os atores que dirigia, e naquela época jovem não dava palpite. Mas o resultado foi tão bom que ela seguiu dirigindo e conta, hoje, no seu currículo até com duas óperas: "Carmen", de Bizet, e Rigoleto, de Verdi.

A partir daí foram os mais variados espetáculos, como "My Fair Lady", até os "Concertos I, II e II", passando por "Piaf" que é um marco. E que como ela diz, sempre volta. Encarnou dezenas de outras personagens, como Amália Rodrigues ou a inesquecível Joana de "Gota d'água", uma adaptação para a realidade brasileira de "Medéia", que mata os filhos para vingar a traição do marido. A densidade de sua personagem de tamancos e desgrenhada cantando "Deixe em paz meu coração/Ele é um pote até aqui de mágoa/E qualquer desatenção, faça não/Pode ser a gota d'água", para quem não viu à época, pode conhecer parte num dos solilóquios que estão em "Bibi in Concert III".

A galeria de personagens encenados por Bibi é extensa. Entre eles, Amália Rorigues

Bibi em "Piaf"

Multifacetada, no ano passado, compôs um rap, em parceria com Teresa Tinoco e Flávio Mendes. "As pessoas usam muito mal a língua portuguesa. Por isso tive a idéia de fazer esse rap", conta.

Difícil decantar a atriz, cantora e diretora Bibi Ferreira, mas sobre seu ofício ela diz que sua vida tem uma coisa estranha: "Eu não casei por amor com o teatro. Foi um casamento arranjado e como muitos, acabou dando certo e eu me apaixonei."

Planos futuros? Sim, uma peça de Juca de Oliveira, "As favas com os escrúpulos", que já tinha até estréia marcada em São Paulo, mas os planos foram reformulados. "O Juca foi convidado para fazer uma minissérie na Globo e tivemos que mudar tudo. Talvez, venhamos a estrear primeiro no Rio". Nós, cariocas, agradecemos!

Parece conto
de fadas.
Mas os meninos
e meninas
viram bailarinos
de verdade.

PETROBRAS

O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

O projeto Dançando para não Dançar faz parte do programa Petrobras Cultural. Seu objetivo é ensinar o balé clássico a jovens de baixa renda, dando a eles uma nova perspectiva de vida e formação profissional na área de dança. O projeto ainda prepara jovens de comunidades do Rio de Janeiro para participar da seleção da Escola de Dança do Teatro Municipal. É a Petrobras ensinando meninos e meninas a superarem obstáculos com passos de balé.

Um coração aberto aos mares

por Consuelo Sanchez

Quase dois séculos atrás, sob a batuta casuística de D. João, o Rio de Janeiro iniciava o seu processo de globalização acelerada. Outros tempos, outras palavras. Em dizeres da época, estamos falando da abertura dos portos às nações amigas. Foi a primeira vez que a Cidade Maravilhosa tomou uma lufada dos ares do mundo. E daí para sempre, as veias da brasilidade estiveram abertas a todos os povos.

A dois anos da celebração do bicentenário da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o Rio de Janeiro se prepara para reviver tempos de glória. Em 2008, a cidade será o palco de uma série de eventos que prometem reviver com toda a pompa e circunstância o Período Joanino, entre 1808 e 1821, em que D. João, sua família e a Corte portuguesa viveram no Rio de Janeiro. Foi nessa época, dizem os historiadores, com as profundas transformações econômicas, políticas, culturais e sociais ocorridas no país, que se consolidou de forma definitiva a unidade nacional. A programação já começou a ser elaborada e inclui exposições, shows de música, peças teatrais, seminários, concursos e premiações, lançamento de livros, produções de vídeo e cinema e uma grande festa com a representação da chegada da família real, na Praça Quinze.

As mudanças na vida brasileira, naqueles 13 anos do início do século XIX, foram maiores e mais intensas do que nos três séculos que tinham se passado desde o Descobrimento. E deixaram como frutos um patrimônio cultural, econômico e social imprescindível para a fundamentação dos alicerces da Nação brasileira.

O marco dessa transformação é o dia 28 de janeiro de 1808, quando a assinatura da Carta Régia — com a família real ainda na Bahia — permitiu a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, naquele momento representadas apenas pela Inglaterra. O ato funcionou como a constatação de que, a partir dali, o Brasil fazia parte do mundo. Embora ainda umbilicalmente ligado a Portugal, o país iniciava um caminho sem volta rumo a sua emancipação, ao mesmo tempo em que ingressava na órbita da influência inglesa. Deixávamos para trás definitivamente o status de província.

A Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), que desde 2003 tem um comitê dedicado à estruturação do projeto 200 Anos da Abertura dos Portos, escolheu o dia 18 de julho deste ano

D. João VI: desembarque no Rio em 1808, com a família real, na Praça XV e transformando a vida brasileira

como marco para o início das comemorações. Na ocasião, haverá o lançamento de um site dedicado ao tema, e serão apresentados os projetos já em andamento.

Diversas entidades e empresas aderiram às comemorações, entre elas o Museu Histórico Nacional e a Prefeitura do Rio, que criou uma comissão para organizar atividades. A idéia é agregar mais idéias e empresas ao movimento, que tem como objetivo recriar o cenário cultural da época e resgatar a importância histórica e cultural da cidade na formação do Estado brasileiro.

"A abertura dos portos foi a data mais importante para o país desde o Descobrimento. Com os eventos programados, queremos mobilizar a cidade em torno de um tema fundamental para que seus moradores tenham maior consciência da importância histórica do Rio e elevem sua auto-estima", diz o produtor cultural Ney Murce, um dos integrantes do comitê criado pelo Conselho de Cultura da ACRJ. Presidido pela diretora do Museu Histórico Nacional, Vera Lúcia Bottel Tostes, o comitê também conta com a participação de Maria Eugênia Stein, Paulo Fernando Marcondes

Paço Imperial: sede do governo do Reinado após a chegada de D. João VI

Ferraz, Esther Caldas Bertoletti, Maria da Graça Cavalcanti Lisboa e Heloisa Aleixo Lustosa de Andrade.

A passagem da família real portuguesa pelo Brasil deixou um saldo positivo imensurável. Foram criados o Jardim Botânico, a Imprensão Régia, a Academia de Medicina, o Banco do Brasil e a Biblioteca Real, hoje Biblioteca Nacional, entre inúmeras outras instituições, necessárias para dar suporte não somente aos integrantes da Corte, mas também à nova elite social que se formava a partir da aceleração do desenvolvimento econômico da nova sede do Império.

Juntamente com as comemorações dos 200 anos da chegada da família real serão festejados os 100 anos de criação do bairro da Urca. "Na época do centenário, promoveu-se Exposição Nacional no local que viria a ser o bairro da Urca e que foi transformado especialmente para abrigar o evento, através de aterros e de projetos urbanísticos e paisagísticos", explica Ney Murce.

Desenvolvimento acelerado

A história do país acelerou seu ritmo a partir daquele ano de 1808. A transferência da capital do Império para o Brasil, fundamental para que a Casa de Bragança se mantivesse no poder e enfrentasse a ameaça francesa, acabou por transformar radicalmente nossa economia, política e a organização urbana e social. O doutor em História João Fragoso, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, acredita que essa mudança foi uma coroação do processo de estruturação econômica do Brasil, que já era a praça comercial mais importante do Império.

Registros do padre Luis Gonçalves dos Santos, o padre Perereca, escritos na Corte no ano de 1821, mostram o crescimento da movimentação no porto do Rio, a partir da chegada da família real. No ano da abertura dos portos, aportaram

Como Capela Real, a Igreja do Carmo foi palco da sagração de D. João VI como rei de Portugal

A Biblioteca Nacional foi uma das instituições criadas a partir da chegada da família real portuguesa

na cidade 855 navios, sendo 765 portugueses e 90 estrangeiros. Em 1810, esses números subiram para 1.241 e 122, respectivamente. E, em 1820, último ano da permanência de D. João no Brasil, chegaram ao porto 1.655 embarcações, sendo 59 navios de guerra portugueses, 153 de comércio internacional, 1.089 de cabotagem e 354 estrangeiros, sendo 195 ingleses, 74 norte-americanos e 46 franceses.

De acordo com Fragoso, o Rio de Janeiro não foi escolhido ao acaso para abrigar a família real. "A cidade apresentava grandes atrativos econômicos, pois através de seu porto entrava no país uma das principais mercadorias da época, os escravos, além de tecidos e especiarias do Oriente. Do Rio, os escravos eram distribuídos para o país, garantindo influência econômica da cidade do Sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, pelo litoral, e até Mato Grosso, pelo interior", conta o professor.

Essa movimentação transformou aos poucos o perfil da cidade, criando uma população de mercadores residentes que, apesar de deterem poder econômico, careciam de prestígio político e social. Esse status político chegou junto com a família real, que distribuiu títulos de nobreza para esses negociantes, dando-lhes maior capacidade de influenciar o cenário político. Na cena urbana, as modificações também não foram poucas: modernizaram-se as fachadas das casas, as ruas foram alargadas para permitir a passagem de mais de uma carruagem e a cidade expandiu seus limites de forma mais planejada.

Os hábitos da população também mudaram, principalmente a partir do livre comércio, tendo aumentado o consumo de vinhos e de produtos importados, além da incorporação de receitas européias ao cardápio tipicamente brasileiro. O livre comércio, a implantação de indústrias, o aumento e a diversificação das atividades comerciais e de serviços e a criação de importantes instituições

A Casa França-Brasil, antiga Praça do Comércio, instalada em 1820

trouxeram a reboque o desenvolvimento de novas profissões na ex-Colônia, como profissionais liberais (médicos, advogados, etc), marceneiros, padeiros, sapateiros, copeiros, confeiteiros, ourives, alfaiates, modistas, serralheiros, etc.

A Corte necessitava de cultura e artes e foram estruturados espaços para espetáculos, com estímulo à vida de companhias e atores estrangeiros ao Brasil. Para abrigar a Missão Francesa, foi criada a Real Academia de Belas Artes, atualmente o Museu de Belas Artes. "O cotidiano brasileiro ganha refinamento com a Missão Francesa, trazida ao país em 1816, que influenciou fortemente os costumes, o dia-a-dia da população", acrescenta o professor João Fragoso.

Essas transformações levaram os empresários a buscarem fortalecimento através da união. O Corpo do Comércio, grupo de empresários que já havia criado uma associação antes da chegada de D. João, ganhou força e se transformou em uma entidade oficial, em 1820, a Praça do Comércio, que funcionava onde hoje está instalada a Casa França-Brasil. Em 1834, passou a se chamar Sociedade dos Assinantes da Praça e, em 1867, recebeu, finalmente, a designação de Associação Comercial do Rio de Janeiro, mantida até hoje.

ações da prefeitura e da acrj

Além de Vera Tostes, que à testa do Museu Histórico nacional promove, ao lado da ACRJ, várias iniciativas para celebrar a data, o embaixador Alberto Vasconcellos da Costa e Silva, nomeado pelo prefeito Cesar Maia coordenador das atividades comemorativas promovidas pelo governo municipal, explica que vários projetos já estão em andamento. "Queremos representar a vida cultural do Rio como ela foi naquele momento, em seus aspectos populares e eruditos", diz.

Entre as ações programadas, o embaixador destaca a restauração da Capela Real Portuguesa, atual Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na Rua Primeiro de Março, que foi um importante centro musical e dos cerimoniais promovidos pelo Império. A restauração está a cargo da Fundação Ricardo Espírito Santo, de Lisboa, e da Fundação Roberto Marinho.

Outra ação importante será um prêmio para o melhor livro sobre D. João e a cidade do Rio de Janeiro. O edital já publicado estabelece um prêmio de R$ 50 mil para o vencedor. Os alunos das escolas municipais também poderão ser premiados, com uma viagem a Portugal, em concursos de desenhos e redações que serão organizados ao longo de 2007.

O tesouro d´além mar

A esquadra real zarpou da foz do Rio Tejo a 29 de novembro de 1807. Eram oito naus, quatro fragatas, três brigues, uma escuna, charruas e navios mercantes, conduzindo para o Novo Mundo metade do dinheiro circulante no reino: mais de 80 milhões de cruzados em ouro e diamante. Cerca de 15 mil pessoas integravam a comitiva, incluindo fidalgos, empregados públicos, militares, eclesiásticos e criados.

A família real era constituída da rainha, D. Maria I, do príncipe-regente, D. João, e de sua esposa, D. Carlota Joaquina, além do príncipe herdeiro, D. Pedro (que acabara de completar 9 anos de idade), do príncipe D. Miguel (de 5 anos), das cinco princesas filhas do casal, das princesas irmãs da rainha e do infante espanhol D. Pedro Carlos, irmão menor de D. Carlota Joaquina. No navio Príncipe Real viajaram D. Maria I, D. João, D. Pedro, D.Miguel e D. Pedro Carlos. No navio Afonso de Albuquerque vieram D. Carlota Joaquina e as filhas. Numa terceira nau, a Rainha de Portugal, viajaram as irmãs de D. Maria I. Foi este navio o primeiro a aportar no Rio de Janeiro (17 de janeiro de 1808), mas as princesas ficaram a bordo, sem descer a terra, durante 30 dias, até a notícia da chegada, em 22 de janeiro, das naus Príncipe Real e Afonso de Albuquerque à Bahia, onde o príncipe-regente decidiu demorar-se por algum tempo.

A assinatura da Carta Régia e a conseqüente abertura dos portos se deram quando D. João e sua comitiva ainda estavam em Salvador. Eles somente aportariam no Rio de Janeiro em 7 de março de 1808, tendo desembarcado no dia seguinte. A primeira das cláusulas estabelecidas autorizava o recebimento de "todos e quaisquer gêneros, fazendas e mercadorias transportadas em navios das potências que se conservam em paz e harmonia com a minha coroa, ou em navios dos meus vassalos". A segunda

admitia que "não só os meus vassalos, mas também os sobreditos estrangeiros, possam exportar para os portos, que bem lhes parecer, a benefício do comércio e agricultura, que tanto desejo promover, todos e quaisquer gêneros e produções coloniais, à exceção do pau-brasil". Essas medidas, salientava a carta-régia, eram tomadas em caráter interino, e provisoriamente, ficando revogadas todas as leis e ordens anteriores que "até aqui proibiam neste Estado do Brasil o recíproco comércio e navegação entre os meus vassalos e estrangeiros". Essa revogação nunca se concretizou.

Em 1º de abril de 1808, um alvará revogou a decisão tomada pela rainha D. Maria I em 1785, que proibia a instalação de manufaturas no Brasil, ampliando a liberdade econômica e complementando a Carta Régia. Para apoiar o estímulo à industrialização, foi criado o Banco do Brasil, em 12 de outubro.

Entre 1808 e 1813, o monopólio inglês foi absoluto nos portos brasileiros. O país tinha representantes diplomáticos apenas da Inglaterra, Espanha, Rússia e Estados Unidos. Mas, com o fim da guerra na Europa e o reconhecimento da paz em Paris, o panorama político mudou muito. Em 18 de junho de 1814, o príncipe-regente D. João assinou um novo decreto, abrindo os portos luso-brasileiros pela segunda vez, em caráter definitivo, a todas as nações amigas, sem exceção. A partir daí, nosso comércio exterior abrangeu também a França, Holanda, Dinamarca, Áustria e Prússia.

A reorganização do Estado, iniciada em 11 de março de 1808, com a nomeação dos ministros e a recriação de todos os órgãos do Estado português, foi formalizada em 15 de dezembro de 1815, com a elevação do Brasil à categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, por ocasião do Congresso de Viena, reunido logo depois da derrota de Napoleão em Leipizig (1814).

Reatadas as relações com a França, D. João devolve-lhe a Guiana, depois da missão do duque de Luxemburgo, que veio ao Rio de Janeiro como embaixador extraordinário de Luís XVIII (1816). A partir de então, a influência francesa competiu com a inglesa, superando-a, em certo sentido, não apenas nas idéias, como nos costumes, na alimentação, no modo de vida do brasileiro.

Ainda em 1816, depois da morte da rainha D. Maria I, o príncipe regente foi aclamado como D. João VI, rei de Portugal. A família real retornou a Lisboa em 1821, deixando no Brasil o príncipe D. Pedro, que, no ano seguinte, iria concretizar o processo de emancipação iniciado com a vinda da família real.

Salta uma caneca de vinho, ó pá

texto **Kelly Nascimento**

O romance de cariocas e adegas nasceu de uma desilusão amorosa. Nos anos 1930, o desbravador português José Lourenço apaixonou-se por uma rapariga de Coimbra. A família da moçoila não aprovou a união. De desgosto, decidiu trocar Trás-os-Montes pelo Rio de Janeiro, onde, em 1938 inaugurou uma mercearia na Rua Teotônio Regadas. O prédio era o mesmo em que morou Candido Portinari. Em pleno auge da boemia da Lapa, era comum grupos se reunirem no espaço atraídos pelos bons vinhos - vira e mexe acompanhados por quitutes portugueses, degustados em volta de barris. Acabaria virando uma adega - batizada de Flor de Coimbra em homenagem à paixão que deixaram em Portugal.

"Por muito tempo fomos conhecidos como a casa "do proibido beijar", diverte-se João Batista Morais, sobrinho do fundador que administra desde 1987 a casa. Não é que Seu Lourenço fosse contra manifestações de amor. "Meu tio tinha uma lógica. Essa história começou quando o Rio deixou de ser capital do país. Esse processo culminou com o declínio da Lapa, que passou a ser um lugar em que a prostituição era a atividade principal. A proibição era uma forma de preservar os próprios clientes", explica. A regra era seguida com todo rigor. Todos garçons recebiam a missão de interromper os beijos quando os lábios começassem a ensaiar uma aproximação. Quem já teve uma bitoca frustada não se esquece. "Numa noite, eu e meu atual esposo, depois de umas rodadas de vinho, começamos a trocar olhares e, quando pensamos em partir para o beijo, surgiu o Zé

Lourenço avisando que aquele era um lugar de respeito. Achamos muito engraçado", recorda a cliente Guimar Lopes.

Quando passou a adega para o sobrinho, Seu Lourenço fez algumas exigências - como não vender cerveja e manter a decoração típica de uma adega transmontana. Sobre os beijos, nada disse, mas João decidiu manter o folclore. "Só fiz um adendo: liberei os beijinhos, mas não os ousados", conta. Apenas "estalinhos" são bem-vindos na contemporânea Flor de Coimbra. Nada que afaste a clientela – dentre eles o pianista Nelson Freire – que semanalmente devora 50kg de bacalhau, parte transformada nos famosos bolinhos "ao comprido" ou cozido à moda da casa. São pratos que atraem gente como o português Albino Rodrigues. "Sempre que há uma brechinha vou à Flor de Coimbra almoçar". O comentário não soaria inusitado se não partisse dos lábios de um outro proprietário de adega – a Portugália, no Largo do Machado.

Seu Albino é uma espécie de Ph.D no assunto. No Brasil há 49 anos – "Minha mãe me mandou para cá para eu não ter que lutar nas guerrilhas da África portuguesa", conta. Seu passatempo preferido é visitar adegas pelo Rio. Quando fica sabendo da existência de uma, ele vai conferir. O conhecimento adquirido nesses anos de pesquisa é revertido em melhorias na Portugália. "Eu vou mesmo é para conhecer. Se eu puder captar alguma coisa, ótimo. Mas tem muita adeguinha por aí", critica.

E o que não pode faltar numa boa adega? "Bom bacalhau e pessoas atenciosas!", receita do alto de seu notório saber sobre o tema. No caso de um dos campeões de degustação da casa – o bolinho de bacalhau -, ele conta que o paladar final é uma questão que transcende o próprio peixe. "A batata acaba sendo mais importante, já que é ela que faz o bolinho ficar mais crocante" E revela outro segredinho da Portugália. "Aqui sabemos trabalhar com vinho", diz orgulhoso.

De fato, a bebida ocupa lugar de destaque na Portugália. Acima do balcão ou pelos cantos do salão principal, o que se vê é uma profusão de garrafas. "Nenhuma outra adega do Rio tem mais garrafas que nós. Temos mais de quinhentas. Não são raridades, mas só entram bons vinhos", gaba-se.

Enquanto que, em Copacabana, o conterrâneo Antônio de Souza Coelho aposta em outro

E o que não pode faltar numa boa adega? "Bom bacalhau e pessoas atenciosas!"

trunfo para manter o brilho da tradicionalíssima Pérola. “O povo vem aqui porque gosta é de beber chope”, resume o sócio-gerente. Não é só isso. O balcão e sua infinidade de petiscos deixa qualquer mortal com água na boca e também é responsável pelos quase 50 anos de sucesso da casa.

Localizada em frente ao mítico Teatro Opinião, na rua Siqueira Campos, a Pérola viu passar por seus balcões intelectuais e artistas. “Muitas personalidades já passaram por aqui: Nara Leão, Chico Buarque, Jô Soares. É tanta gente que fica difícil lembrar assim de cabeça”, relembra Antônio. Até hoje a adega atrai um público com um quê alternativo e pessoas ligadas ao mundo das artes. Quando está no Brasil, o percussionista Naná Vasconcelos não deixa de passar por lá.

A atmosfera simples e descontraída é reforçada pela decoração rústica – mesas escuras fixadas na parede, especiarias e latas de sardinha dividindo o espaço que fica sobre as iguarias que enfileiram-se pelo balcão. È onde sardinhas portuguesas, pedaços de morcelas, azeitonas, tremoços,nacos de gorgonzola e rolmops (conhecidos como sushi português) convivem na mais perfeita harmonia. É essa combinação que fideliza quem passa por lá. “O segredo é manter esses clima que já virou tradição aqui!”, divaga.

Recém-chegado ao Rio, o historiador português Miguel Carolino aprova a lusitanidade das adegas cariocas. “Comparadas às de Lisboa, não deixam a desejar em nada”, atesta. Para ele os bolinhos de bacalhau da Portugália são deliciosos e o ambiente, bastante agradável. A única diferença que aponta são os costumes locais.”Em Lisboa é normal as noites terminarem com os grupos de pessoas se juntando para cantar fados”, diz. Um fim improvável para as noites cariocas.

Adega Contemporânea?

Tradição ibérica ainda influencia

Unir balcão e acepipes é mesmo um sucesso. Tanto que os sócios Gustavo Gill, Leonardo Rezende e Mariano Ferrreira não hesitaram em apostar na fórmula quando decidiram abrir o Botequim Informal há seis anos no Leblon. O Botequim foi beber em fontes ibéricas em busca de inspiração: o chope é degustado com petiscos do balcão, seguindo o modelo das tradicionais tapas espanholas.

O balcão virou uma das marcas do salão do Informal e está presente em todas as sete filiais da casa. A idéia é recriar aquela informalidade de bar antigo. Por isso, a casa é decorada com luminárias estilo anos 50, mesas e cadeiras de madeiras, tijolos aparentes e anúncios vintages.

Até mesmo os quitutes são inspirados no passado, missão bem cumprida pela espanhola Mara Cury. No balcão, destacam-se as clássicas delícias que vão do caldinho de feijão, passando pela carne-seca desfiada com cebola, porção de cebolas em anéis empanados aos pastéis variados. O bom e velho sanduíche de pernil no pão francês não ficou de fora do cardápio da casa. Tudo a ver com a informalidade carioca.

Fábulas de La Azambuja

O embaixador Marcos Azambuja é o maior contador de histórias do Brasil. Exagero? Pode ser. Mas quem conhece o seu inesgotável fabulário garante que se Sherazade fosse real perderia por 1001 a zero. Beletrista, presidente da Casa França-Brasil, e milongueiro honoris. Azambuja é o verdadeiro chanceler da Cidade Maravilhosa.

carnavalesco de nascença

"Sou carioca, nascido num sábado de Carnaval, na Beneficência Portuguesa, que era ao lado de um clube carnavalesco então de muito sucesso, o Hi Life. Conta minha mãe que nasci quando começava a grande festa. E a minha vida tem sido inteira, a rigor, uma continuação dessa festa. Mais carioca é impossível! Minha família em grande parte é do Rio de Janeiro, uma parte de Niterói e Petrópolis. Portanto, sou um carioca com um pouquinho de contágio fluminense. De certa maneira, a Baía de Guanabara de um lado ou de outro era meu Mar Mediterrâneo, porque no ir-e-vir de barca eu tinha a sensação de que as duas margens me pertenciam."

Rio cidadezinha

"Passei toda a minha infância em Ipanema, na Rua Barão da Torre, que é a minha infância. Poucas casas adiante viviam Luiz Carlos Prestes e Olga Benário. O Rio era uma pequena cidade com o seu encanto. Ir ao Centro chamava-se "ir à cidade". O resto eram arrabaldes, bairros. Ipanema era um bairro de casas, de muitos terrenos baldios. Copacabana começava a ter edifícios mais altos, mas a zona do Lido era de casas, também. Uma de minhas avós morava na Rua Sá Ferreira, e a outra na Rua Nascimento Silva. E sempre ia de uma casa à outra, com meus pais, a pé. Era uma cidade em que a felicidade era pedestre, você podia caminhar a seu prazer."

"O maior de todos os cariocas foi Machado de Assis, Ele é a própria civilização do Rio."

Joie de vivre

"Tive a sorte de ser menino, jovem e jovem adulto em anos maravilhosos no Rio de Janeiro. Sei que não é apenas um sentimento nostálgico porque o depoimento de todos converge. Nostalgia é uma coisa muito pessoal, saudade sua. E, no caso, não. Todos dizemos a mesma coisa: o Rio do fim dos anos 40, dos anos 50, e 60 foi um desses momentos mágicos em que na cidade havia uma mistura de cultura, poder político, poder econômico. E, sobretudo, de alegria de viver, joie de vivre. Pode ser difícil explicar para alguém que não é da minha geração, mas sou de uma época de completa segurança. Eu era um rapaz que ambulava pelo noite do Rio a pé,

longamente. Gostava de caminhar pelas ruas mais escuras que podia. Eu assustava um pouco os namorados. Eu não era assustado, assustava... Sou membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E em uma palestra, recentemente, disse que eu sou do tempo em que no Rio só me assaltavam dúvidas! A própria expressão existia então — "assaltou-me uma dúvida... "

a cidade das folhas

"A paisagem do Rio que mais me encanta é a Floresta da Tijuca. Conheço muitas cidades que têm um balcão sobre o mar, como Sidney, São Francisco, Nápoles. Mas não conheço nenhuma floresta urbana! Quando vou às Paineiras, Vista Chinesa, ao Museu Castro Maia, à Floresta da Tijuca toda, tenho uma noção mágica de que coexistimos com a natureza. O Rio essencialmente é uma cidade para naturalista, para botânicos. É uma cidade para quem ama as folhas. A segunda imagem que tenho do Rio é o Jardim Botânico. É o mais bonito jardim botânico tropical que conheço."

passeio de 500 anos

"Também sou muito afeiçoado ao centro histórico do Rio, principalmente àquela região em que hoje está a Casa França-Brasil, o quadrilátero que vai do Paço Imperial até a Rua São Bento. Digo sempre que é o único lugar do Brasil em que você caminha quinhentos metros e percorre quinhentos anos de história. O Real Gabinete Português de Leitura é uma jóia de raro fulgor, justa homenagem às letras que bem traduzem a sua beleza. Acho que a Confeitaria Colombo deveria ser um templo, ser tombada. A Casa França-Brasil também é de uma beleza radiosa. Mas talvez os dois edifícios que sintetizem o Rio, para mim, sejam o Hotel Glória e o Ministério da Educação. Os dois são as coisas mais bem construídas que

"Nossa cidade é essencialmente vocacionada para naturalistas. Tem o mais bonito jardim botânico tropical que eu conheço"

"O Real Gabinete Português de Leitura é uma jóia de raro fulgor, justa homenagem às letras que bem traduzem a sua beleza"

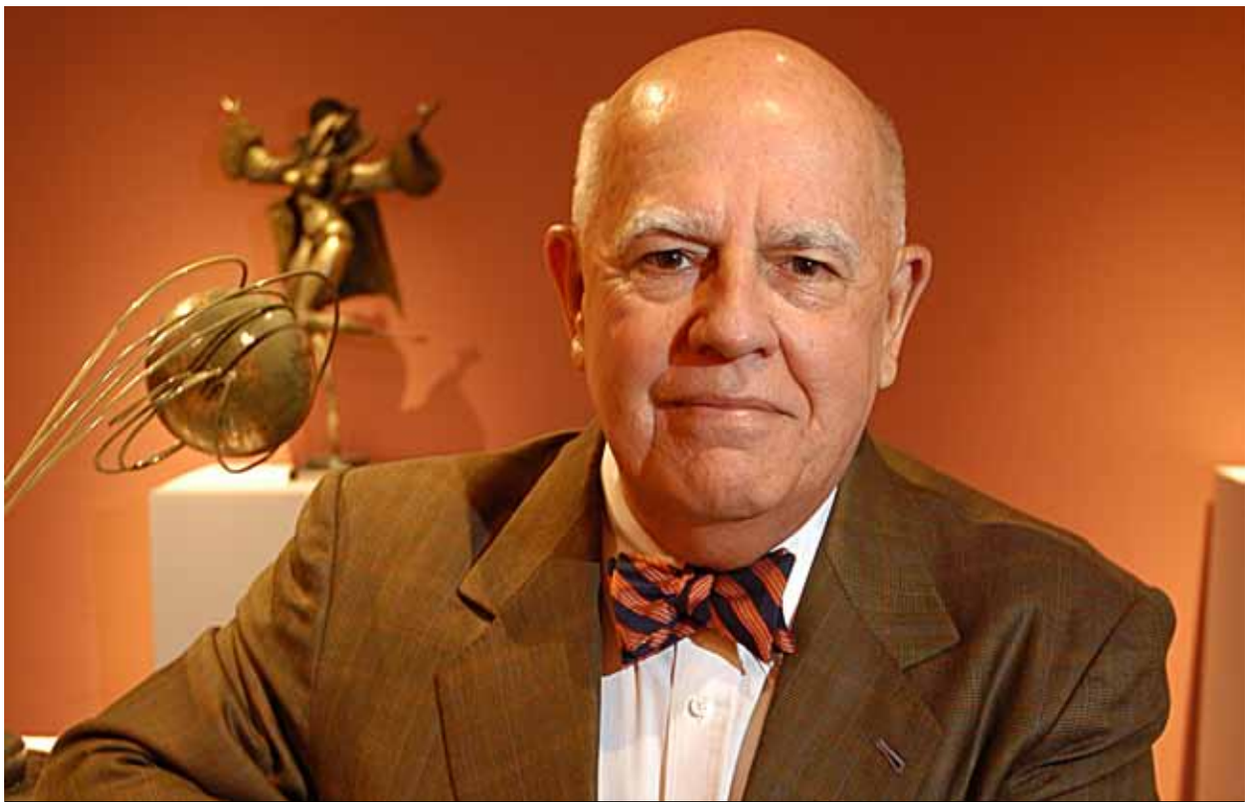
o Rio têm, as duas melhores idéias. O Glória, colonial, é um encanto naquele local. E o Ministério da Educação, um edifício profético, precursor de tudo que viria, de radiosa atualidade. Outro passeio que não se pode perder é a Fortaleza de Santa Cruz. Você atravessa a ponte Rio-Niterói, que tem um lindo movimento, e depois vê o Rio de fora do Rio. Depois, na volta, um bom chope. Acho que a nossa cidade é a capital mundial do chope, o epicentro. Se o chope tivesse um dia que encontrar um habitat, um lugar, seria o Rio, com a mistura da temperatura, a informalidade, a calçada! Supera até a caipirinha."

O SOL

"Com a idade passei a gostar menos de praia. O sol tem uma relação mais amorosa com os moços do que com os velhos. Não sou mais capaz de ficar tostando horas! Portanto, hoje, voltei mais meu lazer para Nogueira, Petrópolis. Uma outra queixa do Rio, mas esta é remediada, é com o mormaço em dias mais quentes de verão. É preciso que o amor ao Rio seja mesmo intenso... Quando era mais moço, vestia-me de uma maneira absurda, como se estivesse em outras latitudes. Fui à posse de Juscelino de casaca e colete preto. Mas no Palácio Tiradentes não tinha ar-condicionado. Eu queria morrer... Aliás, deveria haver um monumento no Rio a quem inventou o ar-condicionado."

OS CARIOCAS

"O maior de todos os cariocas foi Machado de Assis. Ele é não só um carioca, mas um escritor do Rio. Ele é a civilização carioca. Depois, vejo em Nelson Rodrigues eminentemente um carioca. É impossível imaginá-lo em outro habitat. Terceiro, cito Cartola, um grande poeta. O quarto, Rubem Braga, um cronista da cidade, uma pessoa que estava em estado de permanente amor pelo Rio



"O Rio é para aqueles que exprimem ao mesmo tempo poesia, musicalidade e solidariedade."

de Janeiro. Vinícius de Moraes, Sérgio Porto e Antônio Maria também são outros grandes cariocas. Mas aí começo a me dispersar, a lista vai ficando longa. Essencialmente, o Rio é para aqueles que exprimem ao mesmo tempo poesia, musicalidade e solidariedade. São as três coisas que fazem o Rio."

A renovação feminina

"É um prazer, principalmente na minha idade, ver que a beleza feminina no Rio se renova permanentemente. Já assisti a mais de uma geração, e vejo que a cada uma a beleza se cria. É imensamente agradável a idéia de que a graça, a beleza, essa nossa capacidade de sedução é infinita. O Rio teve uma mulher extraordinária pelo charme, beleza e talento: Dina Sfat. Uma outra que associo muito com o Rio de Janeiro, com o que acho doce, belo e agradável, é Nara Leão. Ela cantava com a voz do Rio, com uma doçura de tom. Nos últimos anos, cito a bela Maitê Proença. E mais recentemente, Luana Piovani. O que ela tem de mulher do Rio de Janeiro? Uma capacidade de audácia. Ela é desassombrada como Leila Diniz!"

Custódio Coimbra

E há quem diga que é uma boca banguela

"Meu único grande desgosto é com a degradação e poluição da Baía de Guanabara. Se tivesse que escolher uma só causa para me engajar, seria a da despoluição da Baía. Acho que o que fizemos com ela é um pecado coletivo. Toda descrição do Rio até o século XIX é paradisíaca. Ninguém chegava aqui sem vê-la magicamente. A entrada do Rio sempre foi um dos lugares mais bonitos do mundo. A Baía de Guanabara não é uma coisa extrínseca ao Rio. Poderia ser a grande área de lazer, o espaço da democracia. A Baía podia ter sido o nosso terreno comum de felicidade. A poluição da Baía de Guanabara é o pecado mortal do Rio!"

Madame K. é um eterno vernissage

Prezado leitor, decifre o enigma das artes modernas: é o MAM que tem o "M" de Marília Kranz ou Marília Kranz que tem o "M" do MAM? O fato é que ambos são indissociáveis. Para quem ainda tem alguma dúvida, o próximo ano promete um tira-teima. A mais emblemática exposição da artista no Museu de Arte Moderna poderá ser (re)vista pelo público. Imperdível!

"Estou comemorando desde já. O Fernando Cocchiarale, do MAM me procurou para que remontássemos um painel dessa exposição que para mim foi muito importante e que não perdeu a atualidade.

Se a Galeria OCA em Ipanema, nos anos 1960, foi seu primeiro pouso numa individual, o MAM foi sua casa não só para essa exposição, mas para as primeiras aulas de arte e, depois, para as discussões que marcaram época nos anos 1960/1970.

O movimento multifacetado dos artistas que faziam do museu seu ponto de encontro convergia para a consciência de que a arte era uma atividade inexoravelmente vinculada ao pensamento. "O MAM, antes do incêndio, era o lugar que congregava todos os artistas que queriam pensar a arte e a política. Estavam todos lá, Gerchamn, Vergara, Moriconi, Artur Barrio e tantos outros. Criamos naquela época a Associação Brasileira dos Artistas Plásticos Profissionais, e vínhamos discutindo o que seria uma arte para o povo. Foi nesse momento que surgiram os múltiplos e também quando começamos a trabalhar com os derivados de petróleo".

A grande mostra de 1974, quando Marília ocupou duas grandes salas do museu, foi resultado da utilização dessa nova matéria-prima, o acrílico. Nesse período em que a indústria desenvolvia mais subprodutos do petróleo , os artistas tanto daqui como de outros países, observaram esse novo material moldável que permitia infinitas possibilidades para seus trabalhos.

"Acabara de ganhar dois prêmios em um salão, dados pela Insústria Petroquímica Paskin, a primeira a fabricar os termo-plásticos (acrílico). Propus, então, fazer uma grande exposição em que eles me dariam o material. Se hoje ainda é um material caro, imagine à época. Mas eles foram fantásticos. Deram todo material, catálogo e o coquetel do vernissage", relembra.

Marília que desde 1969 já vinha trabalhando com relevos, indo ao encontro da proposta de arte para o povo, apresentou-os nessa mostra. Além desses, cerca de doze esculturas em acrílico e a exibição das técnicas para a realização

desses trabalhos. Afinal, tratava-se de algo totalmente novo.

Carioca de Ipanema, Marília conta que cresceu junto com o bairro, que na época era um areal. "Na infância ia catar conchinhas na praia ou passear pela Lagoa Rodrigo de Freitas. Vi o bairro se desenvolvendo e dando uma nova identidade para a cidade. Só saí de lá aos 20 anos, quando casei. Aí comecei minha vida no Jardim Botânico".

Além do reconhecido talento nas artes plásticas, Marília sempre teve participação ativa na vida cultural da cidade. Sua casa sempre foi pólo de encontros, de muitas festas, e onde muita gente já se hospedou, entre amigos, artistas estrangeiros. "Hoje o movimento não é tão intenso, resolvi reformar o apartamento e tenho apenas um quarto, pois se tiver outro, logo estarei hospedando alguém", conta rindo.

Mas as reuniões para discutir idéias permanecem. Há 20 anos, por exemplo, as reuniões sobre filosofia são uma rotina. "Aqui em casa, nos anos 1970, já falávamos de energia solar e agricultura sem agrotóxico, assuntos que agora estão em voga", relembra.

Talvez tudo isso seja um reflexo da prática adquirida nos anos gloriosos do MAM, onde Marília ia todos os dias, religiosamente, às 4h. "Saía do meu ateliê na General Dionísio, no Humaitá, e ia me encontrar com as pessoas. O museu

Marília foi a famosa Mme. K. que pontuou durante 20 anos as críticas de Apicius

Painel exposto durante muitos anos na Quinta Avenida, em Nova York

era extremamente vivo com seus "Domingos da Criação", de Frederico Moraes. Nossas reuniões no bar fuleiro do museu".

Mas como ela mesmo enfatiza, o trágico incêndio no museu não foi a única razão de dissolução daquele movimento. A ditadura veio somar-se e esses encontros se desfizeram. Dois fatos foram marcantes para Marília: o dia do incêndio, quando ela e outros artistas ficaram reunidos em discussões até meia-noite a às duas da manhã, ele arderia em chamas. E em 1971, quando foi presa pela ditadura. "Como o bar do museu era considerado um antro de subversivos fui presa e só queriam saber nomes e o que discutíamos lá."

Mas há muitas e boas lembranças e uma revelação. A Mme. K. que acompanhou os vinte anos das crônicas gastronômicas de Roberto Marinho de Azevedo, o Apicius, era ninguém menos que Marília. Os dois faziam a ronda dos restaurantes incógnitos. E o resultado era um texto fino, irônico, recheado de figuras literárias e um tom ferino. E isso também foi fruto de um encontro no MAM.

"O Robertinho fazia artes plásticas na Veja e um dia foi me entrevistar e quebrou seus óculos. Eu disse logo que poderia ajudá-lo com as minhas colas. A partir daí ficamos muito amigos e dois meses depois, quando ele começou a escrever suas críticas gastronômicas passei a ser a sua companheira da primeira à última coluna".

Fayga Ostrower, Geovana Bonino e Marília Kranz no vernissage da exposição de 1974 no MAM

O Rio é uma paixão inesgotável

Celina Borges Torrealba Carpi
Integrante do Conselho de Administração do Grupo Libra

Sou apaixonada pelo Rio em seus detalhes. Gosto mais até de suas miudezas do que do espetáculo da sua grandiosidade. É uma cidade cheia de contrários onde convivem o mar e o relevo dos maciços, o verde e o concreto, o ancestral e o moderno. É o lugar onde nasci e fui criada e onde vou permanecer sempre.

Eu amo todos estes contrastes, toda essa diversidade que fazem de um recanto dourado e abençoado por São Sebastião a quintessência da brasilidade. É como se todas as belezas, ícones, símbolo e cultura do país tivessem sido reunidos em um único rincão. Essa relação praia-floresta tropical-montanha é simplesmente única.

Sou apaixonada pelo centro histórico do Rio, onde não me canso de admirar prédios como o do Centro Cultural Banco do Brasil, o CCBB, além do Mosteiro de São Bento. Uma paixão que se estende também a Santa Teresa. E adoro ficar olhando a praia, emoldurada pelo calçadão. Passo horas extasiada contemplando esse milagre que nos foi concedido.

Me considero uma felizarda por ter passado diversos verões de minha infância e adolescência em uma casa, comprada por minha mãe, onde morou justamente a pessoa responsável por um dos maiores cartões-postais de nossa cidade.

É uma casa, em Petrópolis, que foi de Lota de Macedo Soares, a idealizadora do Aterro do Flamengo, que ela chamava de o nosso Central Park — e com toda a justiça. Antes que alguém me faça um reparo, considero Petrópolis a extensão dos jardins do Rio.

Se não fosse a determinação de Lota, onde hoje está o Aterro teríamos uma avenida com quatro enormes pistas e repleta de arranha-céus. O Rio, decididamente, não merecia isto.

Na mesma casa viveu uma amiga de Lota, a famosa poetisa americana Elizabeth Bishop, que escreveu ali os seus mais belos poemas.

Recentemente nosso grupo foi um dos patrocinadores do Congresso Internacional do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, do qual sou uma das fundadoras. Insistimos que o encontro fosse realizado no Rio, o que ocorreu.

Vieram pessoas do mundo inteiro, que ficaram deslumbradas com a cidade. Certamente não mais do que eu.

Se eu pudesse diria aos quatro cantos do mundo que só existe uma cidade capaz de emocionar a todos apenas com a sua visão. O Rio é uma glória que Deus nos deu.

ÁGUA MINERAL
SCHINCARIOL
Você é pura água.

2/3 de você.

1/3 é mistura
de areia
e de sal
1/3 é das minas
Seja sereia
seja maria-parafina
Ou então não
Esse 1/3
é de tubarão
1/3 de mim
E 2/3 de água
De pura água

PARA CRESCER COMO A VALE É PRECISO INVESTIR NO BRASIL COMO A VALE.

R$ 11,8 BILHÕES. NUNCA UMA EMPRESA PRIVADA INVESTIU TANTO. E É POR ISSO QUE A VALE CRESC

Ano após ano, a Vale e seus acionistas vêm acreditando no país. Pelo segundo ano consecutivo, a Vale é a empresa privada que mais investe no Br Foram mais de R$ 10 bilhões em 2005 e, este ano, serão R$ 11,8 bilhões. De 2001 a 2006, os investimentos da Vale superam R$ 40 bilhões, de lon a empresa privada que mais investe no desenvolvimento brasileiro. A que mais exporta. A que mais gera divisas. A que mais contribui para o saldo da bala comercial. Em 2006, serão 137 mil empregos diretos. E os programas sociais da Vale já beneficiam cerca de 3 milhões de pessoas. A cada ano, a cresce. Cresce porque acredita no Brasil. Cresce porque investe no Brasil. **Vale. A empresa privada que mais investe no Bra**

www.cvrd.com.br

Compan
Vale do